

Os povos, sejam quais
forem os seus regimes e o seu
ideal supremo, querem viver em
paz. A guerra é odiada por todos
os povos, a guerra lança sua som-
bra sobre todos os berços. Está den-
tro da capacidade dos povos mu-
dar o curso dos acontecimentos,
dar aos homens confiança na
tranquilidade do amanhã.
Concitemos os povos do mundo
inteiro a lutar pelo espírito de
entendimento e negociações, pe-
lo direito dos homens à paz!

(Do apêlo dirigido aos povos
pelo Congresso de Viena)



VOZ OPERÁRIA

Nº 191 ★ RIO DE JANEIRO, 17-1-1953

A Greve dos Têxteis

A greve dos têxteis cariocas é um marco importante no desenvolvimento das lutas da classe operária e de nosso povo. Todos os trabalhadores de todas as profissões percebem e compreendem a grande significação dessa luta e a consideram como sua própria luta.

Os têxteis levantaram-se em greve em defesa de suas reivindicações. Os patrões e o governo pensaram que ainda podiam enganar os com a Justiça do Trabalho. Mas os operários, na luta pelo pão, não se deixaram ludibriar não se curvaram a uma decisão injusta, decisão que transforma em lei a vontade dos patrões. Depois, recorreram à violência e ao assassinato covarde, matando o operário Altair Paula Rosa em plena via pública. Mas os trabalhadores não se deixaram intimidar, juraram prosseguir a luta e vingar o sangue de seu mártir. A violência policial também não conseguiu dispersar os grevistas, não foi capaz de abater seu ânimo de luta. Mas o governo e patrões apelam para as manobras e os embustes dos agentes diversionistas do PTB, dos odiados pelegos policiais, dos «mediadores» hipócritas e embusteiros. Jango Goulart queria que os grevistas se sujeitassem às imposições da polícia assassina de Altair. Os pelegos lançam boatos falsos para forçar a volta de setores têxteis, como o da Iã, ao trabalho. O «mediador» cel. Saturnino Lang, não conseguindo embair os grevistas revêla afinal sua verdadeira face de policial. A imprensa burguesa diariamente ataca os grevistas, divulga notícias falsas, açula contra eles os espancadores policiais.

Mas nada disso quebrou a vontade de luta dos operários. Nesta luta por melhores salários, os trabalhadores ocupam seu posto de vanguarda contra a carestia e suas causas — a política de guerra e de submissão ao colonizador americano seguida pelo governo Vargas. É uma luta por aumento de salários, mas também uma luta pelas liberdades democráticas, contra a reação policial-fascista, que está com as mãos tintas de sangue operário.

A greve dos têxteis é uma demonstração eloquente de que a classe operária procura o seu caminho: o caminho da unidade e da ação. Sua experiência de combate encerra preciosos ensinamentos para toda a classe operária. A reação não contava com uma resistência prolongada dos têxteis em greve. Os patrões não vacilaram inclusive em reter salários ganhos antes da greve para forçar os trabalhadores à rendição pela fome. Este cinico assalto à bolsa alheia demonstra que baixos e brutais, que ilegais e criminosos são os meios de luta dos sanguessugas da classe operária.

A duração da greve, já quase no término do segundo mês, assinala um novo nível nas lutas operárias e demonstra que o proletariado está disposto a defender seus interesses vitais e a paz, está disposto a lutar contra a reação, contra a política criminosa do governo.

O exemplo dos têxteis inspira admiração e orgulho, desperta o mais vivo e ativo sentimento de solidariedade no seio de toda a classe operária. Acima de tudo seu exemplo ensina que a organização e a unidade da classe operária são o caminho da vitória. A greve dos têxteis impulsiona não somente a organização e unidade da classe operária, mas faz também com que avance a luta de todo o povo contra a carestia, a política de guerra, a dominação americana que semeia a fome e a miséria.



Os armamentos devoram o pão das famílias
(Charge de Lavassales)

VOZ DOS LEITORES

SAUDAÇÃO A PRESTES Do Fundo do Cárcere

Querido camarada Prestes. Por intermédio da VOZ OPERÁRIA envio-te minha calorosa saudação nesta tua gloriosa em que completas 55 anos, vida ela toda dedicada à luta em defesa da independência de nossa pátria.

Neste momento dramático por que está passando nosso país, quando as classes dominantes executam uma política criminosa de preparação guerrilha visando transformar nosso país em colônia dos incendiários de guerra anglo-americanos, tu vejo, como o povo brasileiro vê em ti, a mais alta

Saudamos de Coração a Prestes

O 3 de janeiro é a data que ninguém esquece, pois, nos lembra o surgimento da estrela que clareou o Brasil o qual vivia nas trevas. Trata-se de Luiz Carlos Prestes — o Cavaleiro da Esperança — a quem eu e toda a minha família saudamos de coração pelo seu aniversário, fazendo votos para que essa gloriosa data se reproduza por muitos e muitos anos.

Ao falar de Prestes, falamos num grande patriota brasileiro que se bate e sempre se bateu pela independência da nação, em defesa dos interesses do povo. Prestes, em quem o povo confia, aponta-nos o caminho para a liquidação do atraso e da miséria em que vivemos. São felizes os brasileiros de poderem contar com um líder de moral, de coragem de patriotismo, de amor ao povo, como Prestes, qualidades estas provadas durante mais de um quarto de século de lutas. Com Prestes à frente, note em 1953, o Brasil encontra-se próximo da libertação.

Saudações fraternais
João Exaltação da Cruz.

Nota da Redação: Cientificamos ao nosso leitor que nos enviou a carta acima que o texto final alusivo a uma história do nosso folclore, foi entregue ao escritor Dalcídio Jurandir a fim de dar-lhe forma de conto que publicaremos em edição próxima.

Encheu o Cofre para Ajudar a VOZ

Acompanhando um pacotinho contendo 52 cruzeiros recebemos do sr. A. V., a seguinte cartinha:

«Sr. Redator: essa é a minha contribuição para a Voz Operária, obtida guardando num cofre todas as moedas de 10 e 20 centavos que chegavam às minhas mãos diariamente. Acho que essa é uma boa maneira de ajudar ao nosso querido semanário, sem exigir grandes sacrifícios; é um exemplo que pode ser seguido por todos os leitores.»

esperança de vermos assegurada em nosso país um clima de Paz, independência e progresso.

Meu desejo era estar em liberdade para homenagear-te de modo a permitir o alargamento de nosso campo de ação, como sempre o fiz desde que entrei para o glorioso P. C. B., em 1945, quando então encontrei o maior tesouro de minha vida. Entretanto, com a estupidéz e o cinismo da reação não me permite este direito sagrado que sinto de te homenagear, eu o faço de acordo com a situação de injustiça em que me encontro preso há um ano e três meses, injustiça que transforma em ódio para tornar-me mais capaz de combatê-la.

Camarada Prestes: aproveito a oportunidade para, em tua pessoa, saudar o C. N. pelas medidas tomadas no sentido de livrar nosso partido dos traidores da classe operária, pois compreendo perfeitamente que estas medidas nos permitirão navegar com segurança para a conquista do nosso objetivo.

Inspirado no teu exemplo e ensinamentos, juro-te que estou preparado e disposto a sacrificar maiores, procurando sempre ser digno e ter a honra do maior nome que um cidadão pode conquistar — ser comunista.

Terminando, desejo ardentemente que vivas muito para a defesa da Paz, da independência do país, para o seu progresso, pela libertação da classe operária.

Renalvo Siqueira dos Santos.

Penitenciária de Macaé, 30-12-52.

Abençô-te, Prestes

Prestes! Como todo patriota que ama o Brasil e sente em tua ação a sinceridade de lutar pela independência e felicidade deste povo, eu te felleito; como mãe que acompanha as tuas lutas pelos nossos filhos, para que tenham a alegria de uma vida sem os horrores da guerra, com mais escolas despertando-os para o são patriotismo, abençô-te pedindo a Deus que este seja o último aniversário que passes longe de teu povo que te ama e luta pela tua liberdade, ouvindo os teus ensinamentos.

Onde quer que estejas, o nosso pensamento aí estará, certos que voltarás mais cheio de -devotamento à missão patriótica de elevar o Brasil à situação de país independente e democrata.

Guilomar Damasceno.
Niterói, 3-1-53.

Você tem Sido nosso Orientador

Prestes! Saudos seu 55º aniversário, data esta que traz grande esperança para o nosso povo, porque você tem sido nosso orientador e amigo. Confiamos em você, pelo seu caráter e coragem

de patriota, que dia a dia vem lutando e orientando os direitos da classe operária.

Cavaleiro da Esperança: desejo que esta data se reproduza por muitos anos e que brevemente você esteja em nosso convívio para nos alegrar, e para termos uma paz duradoura, mais, pão, terra e liberdade para o povo brasileiro.

Salve a paz mundial! Salve a classe operária!

Niterói, 3 de janeiro de 1953.

C. Francisca.

Teu Nome Significa PAZ

É com júbilo que o povo de Campina Grande vê passar a gloriosa data de 3 de janeiro, dia em que nasceu o amigo do povo e lutador pela independência nacional Luiz Carlos Prestes.

Ao passar essa data, lembramos do sofrimento do nosso povo oprimido e abandonado pelos atuais governantes. É nos chafarizes, em filas intermináveis para tirar água, que ouvimos as donas de casa dizer que as torneiras de suas casas estão secas há meses. São os guardas-noturnos que ainda ganham 12 cruzeiros por noite de trabalho, são os retirantes que fogem da seca dos sertões, os pequenos comerciantes que não mais podem comerciar em virtude dos impostos que os esmagam. São os funcionários públicos e de autarquias que viram passar o ano de 52 sem o aumento que tanto necessitam, é a classe operária que luta por todos os meios contra a fome e a opressão.

Tu companheiro, és a esperança dos brasileiros. Teu nome significa paz, tua orientação é uma lição, és professor e aluno, aprendendo com o povo, o nosso sofrimento, tu nos ensinamos como dirigente máximo do nosso Partido. Por isto, os traidores da nação pretendem processar-te, forçam-te a viver oculto. É com orgulho que o povo diz: «Prestes e a classe operária com seu Partido à frente, conseguirão impedir o envio de tropas para a Coreia, impedir a aprovação do Acórdo Militar».

Com a tua sábia orientação os camponeses saberão forçar os latifundiários a entregar as terras das quais se apossaram. Com a tua orientação marcharemos para a Democracia Popular.

Longos anos de vida a Prestes, nosso irmão, companheiro e guia, discípulo do grande Stálin e Lênin. Tudo pela paz!

Antônio Pereira da Silva
Campina Grande, 23-12-52.

Mensagem de Aniversário

Prestes!

Mando-te esta mensagem como uma prova de confraternização contigo, no dia que transcorre o teu aniversário. Prestes — Cavaleiro da Esperança — saudote como uma tua companheira de lutas.

Lourdes
3-1-53.

A VITÓRIA ESTÁ ESCRITA

Mais um aniversário de Prestes. Rossoam ainda em nossos ouvidos as palavras de paz que se ergueram bem alto no Congresso dos Povos reunido em Viena.

E, o dia de hoje, grande Prestes, o mais formoso do ano, marca mais uma etapa gloriosa em tua vida cheia de abnegação e de carinho pelo povo:

Querido camarada, fazemos um retrospecto, vemos quanto progresso tens dado ao nosso povo com teus exemplos, teus sacrifícios, tua paciência e teus ensinamentos. Cada dia que passa, mais viva se grava no coração do povo a verdade de tuas palavras sinceras e leais.

Quebrando o ritmo triste das torturas, das vozes angustiadas, dos gritos de revolta, aqui, ali, no mundo inteiro, ouve-se o teu nome pronunciado como um hino de paz e de docura, amenizando o próprio sofrimento. E, por isso te perseguem os homens que já se esqueciam da fé e da humanidade.

Mas, que poderão eles contra ti, a quem ceifa o afeto sincero de teus companheiros, de teu povo, de todos os homens sinceros de pátrias distantes mas tão perto de ti? Eles se desesperam e te odeiam porque sabem que tua vitória é certa; está escrita no livro da fatalidade histórica e na história ficará gravada como um símbolo, uma bandeira de paz e amor. Feliz a nossa pátria que te possui como filho e, felizes nós também, que te possuímos como amado guia e mestre.

Carlos da Silva Neves

Prestes luta Pela causa Do povo

Reconheço em Luiz Carlos Prestes um grande homem de fama nacional e internacional, um lutador pela causa da paz, da liberdade e da democracia em defesa dos povos amantes da paz, muito particularmente do povo brasileiro que luta contra o imperialismo e pela paz, pão, terra e liberdade.

Salve os 55 anos do Cavaleiro da Esperança.

José Duarte de Abreu.

VOZ OPERÁRIA

Diretor Responsável	
JOÃO BATISTA DE LIMA E SILVA	
MATRIZ: Av. Rio Branco, 357 - 17º andar - Sala 1712	
SUCURSAIS	
SÃO PAULO	Rua dos Estudantes, 84 - Sala 29;
P. ALEGRE	Rua Voluntários da Pátria, 527 - S. 13
RECIFE	Rua da Palma, 295 - Sala 205 - Ed. Snel;
SALVADOR	Rua Saldanha da Gama, 22 - térreo;
FORTALEZA	Rua Brão do Rio Branco, 1248 - S. 22
ASSINATURAS	
Anual	Cr\$ 60,00
Semestral	Cr\$ 30,00
Trimestral	Cr\$ 15,00
N.º Avulso	Cr\$ 1,00
N.º atrasado	Cr\$ 1,00
Este Semanário é reimpresso em SÃO PAULO - RECIFE - PORTO ALEGRE - FORTALEZA - SALVADOR e BELEM.	

Lenin e a Luta dos Povos Pela Paz

HA 29 anos, no dia 24 de janeiro de 1924, o proletariado e os homens progressistas de todo o mundo recebiam uma triste notícia: morrera Lênin. Cessara de funcionar o cérebro, cessara de bater o coração do gigante revolucionário, que sete anos antes emergia dos escombros do vasto império moscovita conduzindo o proletariado ao poder, abrindo-lhe o caminho do comunismo — o regime que permitirá aos povos construir o reino da felicidade sobre a terra.

Mas não só por lhes ter aberto essa senda maravilhosa voltavam-se os trabalhadores de todo o mundo para Lênin: eles haviam verificado que a ação do grande chefe dos povos da Rússia correspondia não apenas a suas esperanças mais distantes, mas também a suas aspirações mais imediatas. Os revolucionários verificavam que Lênin não apenas lhes apontava objetivos a atingir, mas também lhes ensinava o caminho para chegar a eles. Os explorados e oprimidos de todo o mundo verificavam, na base duma experiência concreta, que não apenas o inimigo interno — a polícia, as forças armadas a serviço da reação, o aparelho do Estado, enfim — podia ser vencido, mas que também a conjuração das forças capitalistas externas podia ser batida por um novo desígnio a defender suas conquistas sociais e sua liberdade.

PAZ, ASPIRAÇÃO DOS POVOS

Entre os primeiros decretos aprovados pelo Congresso dos Soviets e assinados por Lênin estava a paz. O jovem poder soviético atendia assim à vontade do seu próprio povo e ao mesmo tempo ia ao encontro da aspiração de milhões e milhões de homens de todos os países, vítimas duma guerra cujo caráter criminoso lhes aparecia cada vez mais claramente.

E foi justamente essa uma das principais causas que levaram as grandes potências imperialistas, encabeçadas pelos Estados Unidos, a realizarem uma criminosa guerra intervencionista contra o poder soviético. Os grandes capitalistas, que estavam obtendo lucros fantásticos com a guerra e que aspiravam, através dela, conquistar uma fatia ainda mais grossa do direito de explorar os povos, não queriam ouvir falar em Paz dentro de seus próprios países, nem pretendiam permitir que todo um novo profeta da paz à guerra e que convidasse os demais povos a concluírem uma paz justa e imediata.

O MEDO DA PAZ

Foi o medo da paz que armou a mão do sicário encarregado de abater Jaurès. Foi o medo da paz que determinou as perseguições e os assassinatos dos socialistas internacionais da Alemanha — entre eles os de Karl Liebknecht e Rosa Luxemburgo. Mas, tanto quanto os capitalistas franceses e alemães, os americanos também consideraram um crime falar-se em paz. Em 1918, dezesseis operários membros de uma organização sindical — a I.W.W. — foram de tal maneira espancados por reclamarem a paz que três deles morreram no dia seguinte. Uma semana antes desse fato, um ministro religioso que nada tinha de revolucionário — Biggelow — foi atacado pelos homens da Ku-Klux-Klan e selvagemmente espancado por se pronunciar pela paz. Descrevendo o fato, o «New York Times» disse que, ao ser abandonado, o corpo de Biggelow era um monte de carne disforme de carne sangrenta. O interessante é que, tendo sobrevivido e apresentado queixa aos tribunais, Biggelow foi condenado por «falta de patriotismo e manifesta simpatia pelos pacifistas».

WALL STREET TENTA ESMAGAR A REVOLUÇÃO

Mas se tais crimes eram cometidos em seu próprio país, outros muito mais monstruosos eram planejados e praticados contra os povos da Rússia pelo imperialismo americano, visando sempre o mesmo objetivo — esmagar o sentimento de paz. O envio de viveres ao país dos Soviets foi proibido e, segundo a própria imprensa americana, enquanto os bolcheviques permanecessem no poder e continuassem a aplicar seu programa visando a conclusão da paz. (Foreign Relations, 1918, vol. I, pg. 266).

Mas não se limitou a isso o imperialismo americano. Ele procurou sufocar com suas próprias mãos a voz que clamava por paz e liberdade. Essa tarefa criminosa lhe parecia tanto mais sedutora por parecer fácil apoderar-se de uma boa parte dos despojos da presa com que sonhava. De um lado, o bloqueio da fome, de outro a intervenção militar aberta para anoiar os bandos armados de Koltchak e Denikin — e assim estaria aplainado o caminho para a conquista de



V. I. LENIN NA TRIBUNA — Cópia de um quadro de A. Gerasimov)

territórios imensos e riquíssimos. O senador Pointdexter brada em Washington a respeito da Rússia: «Sua capacidade de coesão, de organização e de reconstrução desapareceu para sempre. Não existe mais a nação.» E logo: «O que mais importa é saber como mobilizar a Rússia, com seus 170.000.000 de habitantes, seus ilimitados recursos em víveres, em combustível, em metais.» («Congressional Record» vol. 56, pg. 11.179).

Ao mesmo tempo outro magnata, o senador Sherman, pedia ao governo, na sessão de 20 de junho de 1918 que intensificasse a intervenção armada contra a Rússia e destacava a importância da Sibéria: «A Sibéria são campos de trigo e pastagens de tanto valor como suas riquezas minerais.» («Congressional Record», vol. 56, pg. 8.064).

E as exigências ferozes desses milionários eram vigorosamente sustentadas pelo governo do país. O próprio Wilson, que se esforçava por passar por «pacificador» e «democrata», foi defender na Conferência de Versalhes um programa de desmembramento da Rússia e o direito de os Estados Unidos exercerem um «mandato» sobre a zona do Cáucaso arrancada à soberania soviética.

A POLÍTICA E A PAZ DE LENIN

Enquanto assim aciam as potências imperialistas, outra muito diferente era a posição da República Soviética. Depois do decreto de 8 de novembro de 1917, por onze vezes o governo dos Soviets dirigiu-se aos países da Entente com propostas de paz.

Em julho de 1919, pleno período de intervenção armada americana contra a Rússia, Lênin, respondendo às perguntas de um jornalista americano, dizia:

«Quanto aos Estados Unidos e Japão, temos como primeira finalidade política repelir seu cínico e criminoso ataque de rapina à Rússia, que serve apenas para enriquecer

os capitalistas desses países. Por varias vezes temos proposto a esses Estados, e de maneira solene, a paz; entretanto, eles nem sequer nos responderam e prosseguem a guerra contra nós». E logo: «Não temos mais que um objetivo político, um único objetivo economico em relação a todos os povos, neles incluídos os Estados Unidos e o Japão: aliança fraternal com os operários e trabalhadores de todos os países, sem exceção.» (Obras, tomo 29).

Em fevereiro de 1920, falando ao correspondente do «New York Evening Journal», Lênin insistia: «Que os capitalistas americanos não nos toquem e nós não tocaremos neles. Estamos mesmo dispostos a pagar-lhes em ouro as máquinas, instrumentos, etc. úteis aos transportes e à produção, e não somente em ouro, mas também em matérias-primas.» (Obras, tomo 30, pg. 340).

COEXISTÊNCIA PACÍFICA

Essa noção consequente pela paz do Estado Soviético repousava sobre o princípio da possibilidade da coexistência pacífica do regime capitalista e do regime socialista, arduamente defendido por Lênin e Stalin.

«É admissível porém — perguntava Lênin — um estado geral de coisas em que a República Socialista possa existir dentro do cerco capitalista? E respondeu: «Isso parecia inadmissível tanto no sentido político como no sentido militar. Ora isso é possível no sentido político e no sentido militar está demonstrado e já é um fato.» (Obras, tomo 33, pg. 126).

Mas Lênin e Stalin não se limitavam a proclamar a vontade de paz dos povos da Rússia e a defender a tese da coexistência pacífica. Ao mesmo tempo que fazia isso, os bolcheviques mobilizaram as forças operárias e camponesas do seu país para a defesa armada do solo pátrio e desmascaram as manobras criminosas dos imperialistas

diante de seus próprios povos, despertando-os para a luta efetiva contra a agressão e contra seus exploradores e opressores.

A «Carta aos Operários Americanos», de Lênin, repercutiu intensamente nos EE. UU. e no mundo inteiro. Lênin explicava ali o que havia sido o sujo negócio da guerra:

«Eles (os multi-millionários norte-americanos) se enriqueceram mais de que todos. De todos os países, mesmo os mais ricos, eles fizeram seus tributários. Acumularam centenas de bilhões de dólares. E em cada dólar vê-se os salpicos de lama: lama dos sórdidos tratados secretos concluídos entre a Inglaterra e seus aliados, entre a Alemanha e seus vassallos, tratados sobre a partilha de botim saqueado, tratados de assistência mútua» destinados a oprimir os operários e os povos — internacionais. Cada dólar está enlameado dos lucrativos fornecimentos de guerra que em cada país aumentaram a fortuna dos ricos e arruinaram os pobres. Em cada dólar há manchas de sangue, desse mar de sangue que verteram des milhões de mutilados.»

Lênin mobilizava assim a opinião livre dos países capitalistas para a luta contra a agressão. «Travamos com extraordinária energia a guerra pela paz» — disse ele. «Essa guerra nos apresenta magníficos resultados. Nesse setor da luta nós nos manifestamos com todo o nosso poder, em todo caso não de maneira pior de que no campo de atividade do Exército Vermelho...» (obras, tomo 30, pg. 423).

STALIN, CONTINUADOR DE LENIN

Foi seguindo e desenvolvendo as preciosas indicações de Lênin que seu companheiro e continuador, e grande Stalin, defendeu e conduziu à vitória a justa política de paz da União Soviética, política sobre a qual se construiu com êxito o socialismo com os planos quinquenais que precederam a grande guerra patriótica. Essa política, defendida imperturbável e incansavelmente por Stalin, que leva os povos de todo o mundo a voltarem-se hoje para o grande país do socialismo triunfante como o depositário de suas aspirações mais profundas, e grande baluarte da paz.

E isso porque da mesma maneira que em 1918, o imperialismo realiza hoje agressões a povos livres e ao mesmo tempo ameaça atirá-los a uma nova conflagração mundial.

Em 1920 Lênin dizia: «Temos diante de nós um imperialismo completamente nu, que nem sequer julga necessário cobrir-se, considerando-se soberbo tal como é. Que diria o genial dirigente do proletariado quando o governo americano desencadeia uma criminosa guerra de agressão ao povo da Coreia com o fim confesso de salvar os monopólios de iminente crise econômica? Que diria diante das cínicas destruições em massa e do emprego concreto da arma bacteriológica contra os povos da Coreia e da China? Que diria diante das medidas francas de intervenção e sabotagem nos países democráticos, aprovadas pelo Congresso Americano, da pregação aberta da guerra, ora contra os povos da Asia, ora contra os povos da Europa Oriental?»

Lênin repetiria certamente o que disse quando o imperialismo americano intervinha militarmente na Rússia: «Eles vêm esmagar um povo que passa do capitalismo à liberdade; vêm estrangular a revolução. E afirmamos com certeza absoluta que agora, esta fera mais voraz tombará no abismo onde caiu o imperialismo alemão.»

Então, a superioridade em armas, em organização militar, em capacidade de produção do imperialismo em relação à Rússia Soviética era esmagadora. Mas o imperialismo foi derrotado e teve de sujeitar-se a um longo período de paz. Hoje, a política de preparação guerreira, a agressão à Coreia e à China, a guerra fria contra os povos democráticos contribuem para aumentar cada vez mais o campo dos que lutam pela paz e pela independência nacional.

E é em grande parte como consequência da ação destas forças em crescimento que os provocadores de guerra também podem ser detidos agora. As Potências capitalistas podem ser levadas a procurar uma outra solução para as suas dificuldades econômicas numa política de paz e de relações comerciais com os países democráticos. Foi o que disse o camarada Malenkov, recentemente, desenvolvendo a tese leninista-stalinista da coexistência pacífica: «Enquanto os círculos belicistas americano-britânicos não conseguirem fazer que só a corrida armamentista é capaz de ocupar a indústria dos países capitalistas,

(Conclui na 4ª pag.)

Um Apêlo do Mundo Martela a Casa Branca



O casal Rosenberg, numa fotografia inédita no Brasil

ANTES de abandonar seu posto presidencial na Casa Branca, lugar donde semeou tanto ódio, luto e orfandade pelo mundo afora, Harry Truman deverá ainda responder a um apêlo da opinião mundial. Está em suas mãos e ele deve assumir plena responsabilidade pelo «sim» e pelo «não» ao decidir sobre o

apêlo de clemência para os Rosenberg.

Piquetes de solidariedade, com cartazes cujos dizeres em prol dos Rosenberg podem ser lidos à distância, montam guarda diante da Casa Branca. Truman pode verificar pessoalmente que o povo americano vela por duas vidas humanas que os furiosos belicistas querem sacrificar na cadeira elétrica.

AMEAÇAS ANTI-SEMITAS

O mesmo acontecimento em todos os países. A embaixada ianque no Canadá, por exemplo, também é guardada por um piquete pró-Rosenberg. Aqui no Brasil, o povo não está alheio a essas demonstrações. Em São Paulo, numerosa comissão conseguiu avistar-se com o consul americano, oportunidade em que exprimiu novo apêlo de clemência para o casal encarcerado em Sing Sing. Percebendo a presença de várias personalidades de ascendência judaica, como é o caso do professor da Medicina e renomado cirurgião paulista, prof. David Rosenberg, o consul americano disse clinicamente:

— Este pedido de clemência faz o jogo do Kremlin. Lembrai-vos que os nazistas e fascistas hoje estão por baixo, mas estão ao lado dos ocidentais. Amanhã eles poderão voltar a agir...

É evidente a ameaça do terror anti-semita. Mas o protesto foi feito. E teve que ser transmitido para Washington.

EINSTEIN E UREY INTERCEDEM

As horas derradeiras e decisivas passam rápidas e angustiosas. Na hora da decisão, Truman recebeu as mensagens de Einstein e do sábio atômico Urey. Einstein declarou-se «estupefato diante da desigualdade das sanções». E reclamou a comutação da pena.

Harold C. Urey dirigiu-se ao juiz Kaufman em carta escrita no papel timbrado da Universidade de Chicago — Instituto de Estudos Nucleares. Foi uma longa carta de

duas folhas datilografadas e da qual extrairmos dois trechos expressivos: «Escrevo-lhe para instr. pela comutação da pena de morte imposta a Ethel e Julius Rosenberg por uma sentença mais branda. Li o depoimento feito no julgamento e, embora não tenha experiência das leis em assuntos desta natureza, minha competência é comparável à dos jurados e do grande público interessados neste assunto.» «Insisto com veemência pela cuidadosa revisão da sentença.»

Comutação da pena. Revisão da sentença. Este é o apêlo de todas as consciências bem formadas no mundo inteiro, que se batem para impedir a repetição do crime que sacrificou Saco e Vanzetti.



O juiz Irving Kaufman, que proferiu a iníqua sentença de morte contra os Rosenberg.

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
CHICAGO, ILLINOIS
INSTITUTE FOR NUCLEAR STUDIES
December 26, 1952

Judge Irving Kaufman
Federal Building
Foley Square
New York, N. Y.

Dear Judge Kaufman:

I am writing to urge you to change the sentence of death imposed on Ethel and Julius Rosenberg to a lesser punishment. I have read the testimony given at the trial, and though I have no legal experience in matters of this kind my competence is comparable to that of the jurors and the great public who are concerned about this matter.

I strongly urge a careful reconsideration of this sentence.

Very sincerely yours,
Harold C. Urey
Harold C. Urey

Fac-símile da carta do sábio atômico Harold C. Urey (trechos inicial e final) ao juiz Kaufman.

Lenin e a Luta dos Povos Pela Paz

(Conclusão da 3ª pág.)

existe na realidade uma outra perspectiva: a perspectiva do desenvolvimento da extensão das relações comerciais entre todos os países, quaisquer que sejam seus sistemas sociais... O caminho da paz está aberto aos povos. A conclusão de um pacto de paz entre as cinco grandes potências, a interdição das armas atômicas e bacteriológicas, a redução dos armamentos e das forças armadas são algumas das medidas que, ligadas à liquidação das restrições comerciais, podem encaminhar o mundo no sentido desejado pelos povos.

Mas se os dirigentes dos grandes países capitalistas, contrariando a vontade de seus próprios povos e da imensa maioria da humanidade, persistiram em levar à prática seus planos guerreiros, então é certo que, como dizia Lênin, esta fera tombará no abismo onde caiu o imperialismo alemão.

Foi também o que disse o camarada Malenkov em seu informe ao XIX Congresso do Partido Comunista (b) da URSS:

...«Em consequência da primeira guerra mundial, deu-se o afastamento da Rússia do sistema capitalista. Em consequência da segunda guerra mundial, é já toda uma série de países da Europa e da Ásia que se afasta do sistema capitalista. É natural, portanto, presumir-se que uma terceira guerra mundial levaria à derrocada do sistema capitalista mundial.»

Guiados pelas ideias de Lênin e Stálin, os povos de todo o mundo marcham irresistivelmente para a conquista da paz, da independência nacional e da liberdade.

CRÔNICA INTERNACIONAL

Prossigue a guerra na Coreia, com todo o seu cortejo de hediondos crimes — com o emprego de meios bacteriológicos, das bombas napalm, dos bombardeios de saturação, do assassinato de prisioneiros chineses e coreanos e com novas ameaças ianques de utilização de armas atômicas. Por que prossigue? Os povos, através de seus representantes no Congresso de Viena, votaram pela cessação imediata do fogo e pela solução pacífica do conflito. 45 dignitários religiosos lançaram um apêlo no mesmo sentido. Na ONU, Vichinsky também propôs a cessação de fogo, e o fez com apoio dos governos populares coreano e chinês. E o generalíssimo Stálin, em sua entrevista de Natal, manifestou-se disposto a tudo fazer pelo restabelecimento da paz na Coreia. Inclusive o povo americano deseja ansiosamente pôr fim a esse conflito. Prometendo acabá-lo foi que Eisenhower, aliás, ganhou a eleição. Nas próprias forças armadas são iniludíveis os reflexos desse sentimento: deserções, indisciplina, ausência de combatividade. E de ontem o motim dos pilotos que se recusaram a voar, com medo de ir para a Coreia. E é de 6 deste mês a notícia estampada no «Kentucky Times», de Louisville, informando que existem cerca de 30 mil desertores nos Estados Unidos, receiosos de serem enviados à frente coreana.

Não é mais brilhante a situação no teatro de guerra. A revista «Collier's» (8-11-52), órgão dos belicistas mais furiosos, publicou um artigo de seu correspondente Bill Davidson, com este título que diz tudo: «Por que a metade de nossos soldados

MEDO E BANDITISMO Dos Intervencionistas na Coreia

não dispara no combate?» No texto há o testemunho de alguns graduados. Disse o sgt. Nicholas Smith: «As vezes se envia uma esquadra para proteger um flanco e ouve-se que, em vez de nove fuzis, só disparam dois ou três». Seu colega Thomas McGrath o confirmou: «Minha esquadra contava na Coreia com nove homens, mas nunca podia esperar que disparassem mais de quatro ou cinco, inclusive quando se achavam em perigo de morte». E o 1.º sgt. John S. Williams: «Eu tinha que me arrastar sob as balas, de trincheira em trincheira, para obrigar pelo menos a metade dos soldados da seção a fazer fogo.»

Por sua vez, na revista «Time» (22-12-52), o correspondente John Osborne informa que esse, entretanto, é o melhor exército que (os americanos) podem pôr no campo de batalha, nas circunstâncias atuais. E que «os soldados que o compõem e os oficiais que o comandam não vêem finalidade nem utilidade na espécie de guerra que estão fazendo». Eles sabem que não podem ganhar essa guerra, e exprimem essa certeza nestas palavras: «Não estamos indo para lugar nenhum.»

De fato, toda manhã os oficiais relatam o que foi feito na véspera pela infantaria e a artilharia — fogo de canhões

contra alguma colina, investida de alguma patrulha em direção às linhas inimigas, terminando a frase sempre assim, burocraticamente assim: «com resultados desconhecidos.»

Assevera Osborne que «eles ansiam por um fim desta guerra», «um fim que nunca vem», e acrescenta: «Individualmente o fim é a morte para alguns, ferimentos ou captura para muitos outros e a substituição e regresso da maioria ao seu país». O regresso provoca aguda escassez de comandantes, até de cabos: «Muitas esquadras são chefiadas por soldados de primeira classe com seis meses ou menos de serviço no Exército. Ademais para evitar que desertem ou recuem, o comando dispersa soldados de Porto Rico, de Guam e da Coreia do Sul entre as unidades americanas, tal como Hitler fazia com os soldados dos países ocupados. Isso cria dificuldades sérias, devido à variedade de línguas, obrigando os comandantes a apelar para a mímica»

Certo dia um general, ante um grupo em treinamento referiu-se «aos esplendidos rostos americanos que via diante de si. «Um jovem oficial não se conteve e ia explodindo numa gargalhada, quando foi interpelado. E explicou que apenas 4

dos 14 homens ali tinham entendido o seu discurso; os demais não eram americanos nem falavam o inglês. Essa situação se agrava durante as patrulhas noturnas, quando a vida de cada soldado pode depender de perfeita compreensão e precisão».

Apenas a aviação, que os americanos utilizam menos como arma militar do que como instrumento policial-terrorista, produz maior rendimento... Os apavorados guerreiros ianques, quando se acham a vários quilômetros acima do solo, enchem-se, não de coragem, mas de fúria assassina, e começam a bombardear as populações civis. E quando sua infantaria bate em retiradas, os «valentes» mocinhos decolam e, fingindo equivocar-se, bombardeiam seus próprios companheiros, para os compelirem a lutar. Bombardeios assim «equivocados» foram ordenados e cometidos há poucos dias contra uma tropa americana e, já antes, contra uma formação de soldados gregos.

Quem, pois, tem interesse na continuação da guerra coreana? Exclusivamente aqueles que a desencadearam: os imperialistas americanos e seus sócios, que auferem fabulosos lucros e pretendem ampliá-la até convertê-la em guerra mundial. Contra tão sinistros planos, ergue-se hoje a maioria da humanidade. E nosso povo, que fez sua e tornou vitoriosa a faixa que Elisa Branco abriu no Anhangabaú — «os soldados, nossos filhos, não irão para a Coreia» — saberá empunhar e levar à vitória a bandeira que ora desfraldam os povos do mundo inteiro: cessação imediata do fogo na Coreia!



Os 3 Generais da Casa Branca

COM O PLEITO DE NOVEMBRO ÚLTIMO, ASSUMIRAM O PODER NOS ESTADOS UNIDOS OS HOMENS MAIS DIRETAMENTE LIGADOS AO CAPITAL FINANCEIRO E À POLÍTICA DE GUERRA

ENTRE as muitas anedotas criadas pelo espírito irônico do nosso povo, quando da visita de Dutra aos Estados Unidos, figurava essa: chegando ao país dos gangsters, Dutra manifestara a vontade de conhecer dois falados generais americanos. Eram eles: o general Motors e o general Electric...

A anedota não vai além. Hoje, contudo, esses generais estão bem visíveis. Qualquer pessoa pode conhecê-los. Difícil, hoje, é ignorá-los. No pleito de novembro, embora sem o saber e até sem o querer, a maioria do eleitorado americano indicou-os para o governo dos Estados Unidos, em companhia de Ike. Terça-feira próxima eles tomarão posse, se instalarem soenamente no poder e entre as paredes da Casa Branca, bem guardadas pelo F.B.I., tratarão de realizar a política que satisfaz aos seus interesses.

Para se eleger, Eisenhower tocou na corda mais sensível do coração do povo americano. Prometeu trazer de volta para os Estados os soldados lanques que morrem na Coréia, fazendo uma guerra estúpida e inútil. Os fatos, sobretudo depois da viagem de Ike, estão mostrando que nada se pode esperar dessa promessa. A preocupação dos novos homens do governo americano não é acabar, senão estender a guerra da Coréia.

As propostas que visam apagar o incêndio são repelidas e o uso da bomba atômica é novamente solicitado pelos mais altos chefes militares lanques. Mas, que se pode esperar de um governo cujos homens são os mesmos que compõem os círculos mais reacionários do capital financeiro dos Estados Unidos? A política desse governo orienta-se internamente pelo fascismo e no exterior para a deflagração da guerra. Os homens dos trustes estão no poder. Para eles a guerra representa lucros fabulosos. Para isso não hesitam em exibir diante dos olhos do mundo o cadáver da decadente «democracia» americana. Como pode ser «governo do povo, pelo povo e para o povo», um governo formado por um punhado de multi-millionários ávidos de lucros, ainda que o ouro lhes chegue às mãos manchado com o sangue de milhões de inocentes?

Cada pessoa que ama a paz, a felicidade, o direito a uma vida digna precisa conhecer esses homens. São eles que irão aplicar, com as próprias mãos, a política dos Estados Unidos, da qual «um dos princípios básicos» é assim definido: estimular, sempre que possível, o investimento de capital privado norte-americano em territórios estrangeiros para a exploração de materiais estratégicos necessários à defesa dos Estados Unidos. (Telegrama da U.P. — «Diário de Notícias», 13-1-53).

Os homens dos trustes são os mesmos homens do governo de Eisenhower

SECRETARIO DE ESTADO — Começamos por John Foster Dulles. Vai substituir Dean Acheson, embora de há muito venha sendo o principal mentor da política externa americana, na qualidade de conselheiro do Departamento de Estado, nomeado por Truman. Durante a última guerra, como advogado do banco anglo-germano-americano Schroeder, através do qual foram protegidos os capitais dos magnatas nazistas em pleno conflito, não cessou por um minuto as atividades no sentido de dividir a frente dos povos contra o ripo-nazi-fascismo. Por sua participação num sem número de planos imperialistas contra a vida e a segurança dos povos, é hoje considerado o teórico da política norte-americana de guerra e agressão, uma espécie de Churchill dos Estados Unidos. Em 1947, na ONU, Vichinsky desmascarou-o como o provocador de guerra numero um dos Estados Unidos; três anos depois ele mostrava que fazia jus ao epíteto, ordenando pessoalmente a agressão contra a República Democrática Popular da Coréia. Foi Foster Dulles quem elaborou o «Tratado de Paz» com o Japão, pelo qual o país continua sob ocupação americana, ficando os militaristas japoneses com as mãos livres para tramar novos assaltos contra os povos da Ásia. Para ocultar sua face de monstro, Dulles põe a máscara de pastor protestante. Chega mesmo a falar em paz e fraternidade. Mas, quando surge uma oportunidade concreta como a recente entrevista de Stalin, ele é o primeiro a golpear as esperanças de paz dos povos, recusando qualquer sugestão para devolver a tranquilidade ao mundo.

SECRETARIO DA DEFESA — No ano de 1950 os lucros da General Motors subiram a cerca de 335 milhões de dólares, representando o dobro dos lucros da Standard Oil. Isto é bastante para mostrar a tremenda expansão do truste americano. O presidente da General Motors, Charles E. Wilson, é o secretário da Defesa do governo de Eisenhower. C. E. Wilson está também ligado aos grupos Du Pont, Morgan e Mellon, o que torna a General Motors um dos bandos mais poderosos e agressivos do capital financeiro americano.

SUB-SECRETARIO DA DEFESA — Roger M. Kyes, vice-presidente da General Motors, é também o sub-secretario da Defesa. Aqui encontramos juntos, como chefe e vice-chefe, de um dos mais importantes organismos do governo americano, o presidente e o vice-presidente de um truste poderosissimo. O que escapar a Wilson, certamente não escapará a Kyes.

SECRETARIO DA GUERRA — Robert Ten Broeck Stevens. É presidente da J. P. Stevens & Co., uma das maiores indústrias têxteis dos Estados Unidos. Há excesso de tecidos? Com Robert Stevens na pasta da Guerra não faltarão soldados para vesti-los... e proporcionar-lhe grandes lucros. Ele é também ligado a General Electric, a General Foods, à Mutual Life Insurance Co., ao Federal Reserve Bank of New York, entre outros negocios. Segundo Stevens, o homem de negocio tem sempre um lugar assegurado nos estabelecimentos militares que são um negocio fantástico e precisam da assistência dos homens de negocio...

SECRETARIO DA MARINHA — Chama-se Robert Anderson. É presidente do Federal Reserve Bank of Dallas, no Texas, diretor da Mid-Continent Oil & Gas Association, diretor da Texas & Southwestern Cattle Raisers Association. Foi presidente do Instituto Americano do Petróleo, onde recebia um salário de 75 mil dólares.

SECRETARIO DA AERONAUTICA — Harold E. Talbot é o novo titular. Foi diretor de Dayton, Wright Airplane Co., da Dayton Wright Co. e presidente da North American Aviation Co. Atualmente, é presidente do Banco H.E. Talbot & Co. de Nova York e diretor de outras empresas, entre as quais a Chrysler Corporation, The Electric Auto-Lite Co., The Commercial National Bank and Trust Co. Foi um dos principais financistas da campanha de Ike. O dinheiro que empregou recuperará agora com juros fabulosos.

SECRETARIO DO TESOURO — É o industrial de Cleveland George M. Humphrey, ligado a Taft e ao general Lucius Clay (da General Motors). Figura na direção da National Steel

Corp., a Pittsburg Consolidation Coal Co., além de outras empresas de navegação, químicas e bancárias.

SECRETARIO DA JUSTIÇA — Herbert Brownell Jr., advogado do truste hoteleiro e vice-presidente da World Trade Corporation tem o encargo, no governo

de Eisenhower, de aplicar a justiça dos trustes, dos quais é um dos donos.

SECRETARIO DO COMERCIO — Está com o grande industrial e fazendeiro, Sinclair Weeks, a Secretaria do Comercio do governo de Ike. Sinclair Weeks, que fez fortuna como presidente da «United-Carr Fast-ner

Co.», é vice-presidente do Bank of Boston e presidente da «Ree & Barton Corporation» (prata). É também grande fazendeiro e criador de gado em New Hampshire.

SECRETARIO DO INTERIOR — Douglas McKay, homem da Chevrolet e Cadillac foi o escolhido para o cargo por Eisenhower. É ligado a Thomas Dewey, governador do Estado de Nova York e conhecido partidário da guerra.

VICE-SECRETARIO DO TESOURO — Randolph Burgess, o poderoso presidente da Comissão Executiva do National City Bank of New York (do grupo financeiro Morgan), também foi presidente da Associação dos Banqueiros de Nova York e da Associação dos Banqueiros dos Estados Unidos, da Comissão de Finanças de Guerra do Estado de Nova York e do Comitê Monetário da Câmara Internacional de Comercio. Ele vai dirigir a política monetária do governo. É um dos homens mais representativos do capital financeiro norte-americano.

SECRETARIO DA AGRICULTURA — Ezra Taft Benson, é um dedicado discípulo de John Foster Dulles. Como o seu mestre, usa a religião (é mormom) para mascarar seus negocios. Foi secretário do Conselho Nacional das Cooperativas Agrícolas e desde 1943 é membro do Comitê Executivo do Board of Trusts of the American Institute of Cooperatives.

SECRETARIO DO TRABALHO — Ganhando um salário de 20 mil dólares, o «pelego» Martin Durkin, presidente do Sindicato dos Soldadores dos Estados Unidos, filiado à AFL, é partidário de uma emenda à lei Taft-Hartley que satisfaça aos trabalhadores e não seja menos satisfatória para os patrões. Possui longa experiência de divisionismo no movimento operário e é um conhecido demagogo.

EMBAIXADOR EM LONDRES — Winthrop Aldrich é primo de John D. Rockefeller Jr., presidente do Chase Bank, o bando da Standard Oil. O ex presidente da

Câmara Internacional de Comercio, um dos maiores financistas da campanha de Ike, para a qual contribuiu com 2 milhões e 200 mil dólares sob em Nova York, vai substituir Walter Gifford antigo diretor da American Telephone and Telegraph, da qual Aldrich é também um dos donos. Cobrará da Anglo-Iranian o que empatou na campanha de Ike?

DIRETOR DOS CORREIOS — Arthur Summefield é mais um homem da General Motors no governo de Eisenhower. Foi o mensageiro dos trustes enviado a Paris para transmitir a Ike o desejo dos monopolistas para que ele aceitasse a candidatura à presidência.

DELEGADO PERMANENTE NA ONU — Henry Cabot Lodge Jr., associado ao senador Arthur Wadsworth, foi um dos propagandadores da política externa bipartidária seguida por Truman. Chefiou a delegação americana nas Nações Unidas na ausência de Acheson.

ADMINISTRACAO FEDERAL DE SEGUROS — A mulher de William P. Hobby, presidente da The Houston Post, foi a escolhida por Eisenhower para o cargo. Tem um nome esquisito: Oreta Hobby. Seu mérito: liderou o movimento dos democratas no Eisenhower no sul do país.

ASSISTENTE ADMINISTRATIVO DO PRESIDENTE — Eram duas as vagas. Uma delas foi preenchida por Emmet J. Hughes. É o homem declaradamente do F.B.I. dentro do governo. Durante a campanha eleitoral teve o encargo de escrever os discursos de L.S.M. inclusive aquele em que Ike prometeu acabar com a guerra na Coréia. Serve na Seção Militar do Serviço Secreto Norte-Americano. Entre 1942 e 1946 foi adido de imprensa da Embaixada dos Estados Unidos em Madri e como chefe das sucursais do «Time» e de «Life», nos anos de 1946 e 1949, realizou estórias sensacionais em Berlim e Roma. Continuará escrevendo os discursos de Eisenhower.



Charles Wilson (Defesa), presidente da General Motors e John Foster Dulles (Exterior), o número 1 dentre os provocadores de guerra americanos



HOMENS DOS TRUSTES, HOMENS DO GOVERNO — Na primeira fila, da esquerda para a direita: Kyes (sub-sec. da Defesa), Stevens (Guerra), Andersen (Marinha) e Talbot (Aeronáutica); segunda fila, mesma ordem: Humphrey (Tesouro), Brownell (Justiça), Weeks (Comercio) e McKay (Interior); terceira fila, idem: Burgess (vice-sec do Tesouro), Benson (Agricultura), Durkin (Trabalho) e Aldrich (embaixador na Inglaterra); última fila, idem: Summefield (Correios), Lodge (representante na ONU), Oreta (Seguros) e Hughes (F. B. I.)

«Nos Estados Unidos o aparelho do Estado se acha cada vez mais absorvido pelos monopólios capitalistas. Se outrora os verdadeiros senhores do país — os magnatas da finança e da indústria — permaneciam na sombra, deixando a seus agentes políticos o cuidado de defender os seus interesses no domínio político, hoje metem a mão diretamente sobre o aparelho administrativo, político e diplomático dos Estados Unidos.» (Palavras pronunciadas por L. Beria, a 6 de novembro de 1951, no Soviet de Moscou). Quem ousará negar esta verdade?

APÊLO AOS POVOS DO MUNDO APROVADO PELO CONGRESSO DE VIENA



Ei-los, perto de 2 mil delegados de 80 países, atentos aos debates, no salão do Palacio da Musica



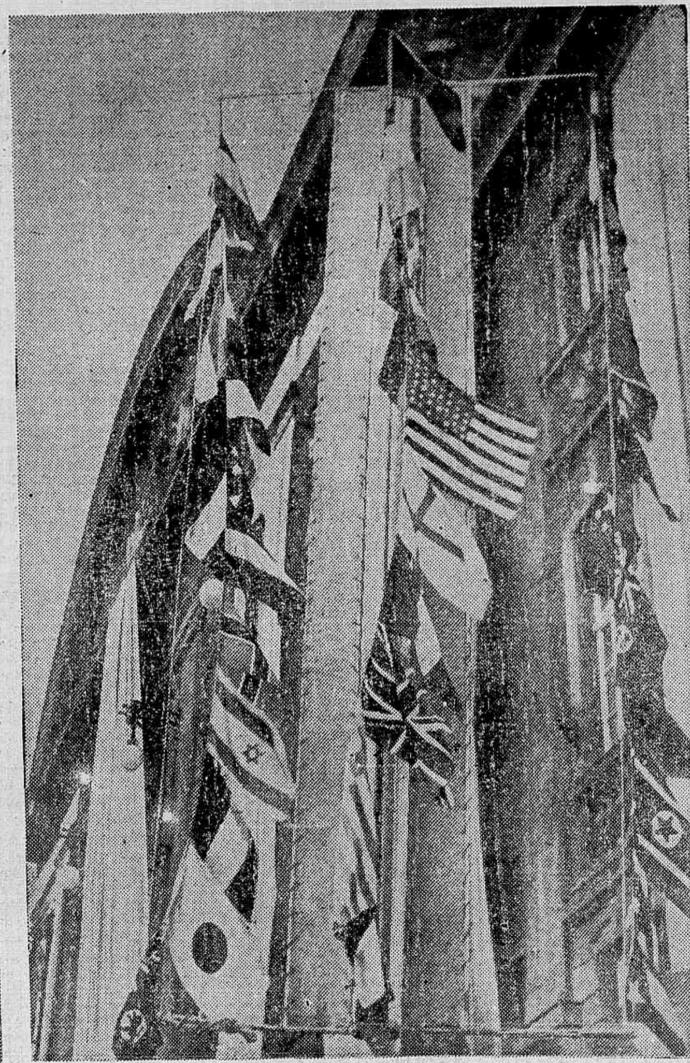
Sra. Monica Felton
(Inglaterra)



Dr. Saifuddin Kitchlew
(Índia)



Le Dinh Tor
(Vietnam)



Bandeiras de 80 países drapejando no magestoso «Konzerthaus». É uma imagem da paz, da concordia universal, que em Viena os povos mostraram querer

A TOMAR a iniciativa de realizar o Congresso dos Povos pela Paz, o Conselho Mundial da Paz demonstrou seu desejo de unir os nobres esforços dos diversos movimentos, organizações e correntes que, possuindo embora divergências sobre várias questões, aspiram pelo entendimento entre os povos e querem lutar em comum para impedir a guerra e construir a paz.

Uma discussão livre revelou a vontade unânime de pôr fim à política de força que trouxe aos povos grandes infelicidades e que ameaça arrastar a humanidade à catástrofe.

Consideramos que não existem entre os Estados divergências que não possam resolver-se por meio de negociações.

Basta de destruir cidades e países, basta de acumular armas assassinas, basta de pregar o ódio e apelar para as guerras! E' agora a ocasião oportuna para discutir, é a ocasião própria para o entendimento!

Dirigimo-nos aos governos das cinco grandes potências, os Estados Unidos, a União Soviética, a Grã-Bretanha, a Republica Popular da China e a França, das quais depende em larga medida a paz no mundo; concitamo-los a iniciar imediatamente negociações com o objetivo de concluir um Pacto de Paz.

Imensa responsabilidade recai sobre os governos das cinco grandes potências. Os povos tudo farão para que prevaleça o espirito do entendimento.

Exigimos a cessação imediata de todas as hostilidades na Coreia. Enquanto as cidades se desmornam, enquanto o sangue corre, não há possibilidade de entendimento. Desde que as hostilidades tenham cessado, as partes beligerantes chegarão mais facilmente a um acordo sobre as questões em litígio.

Estamos convictos de que nossa exigência imparcial, justa e humana terá o apoio de todos os homens de boa vontade.

Insistimos igualmente na cessação imediata das hostilidades no Viet-Nam, em Laos, no Camboja e na Malasia, e no respeito ao direito absoluto dos povos interessados na independência.

Exigimos que cesse a violencia empregada para sufocar as legítimas aspirações nacionais à independência, como na Tunisia e em Marrocos.

O Congresso dos Povos pela Paz proclama o direito de todos os povos a dispor de si mesmos, e a escolherem o seu modo de vida, sem nenhuma ingerência em seus negócios internos sejam quais forem os motivos invocados para justificá-la. A independência nacional de todos os Estados constitui a sua primeira garantia da paz.

Protestamos contra toda discriminação racial que insultando a consciencia humana, agrave os perigos de guerra.

Estamos certos de que os pactos militares, através dos quais o mais forte arrasta o mais fraco, e a presença em territorio nacional de bases e militares estrangeiros, constituem ameaça grave à segurança de um país, que pode se ver levado à guerra contra a sua vontade. Consideramos que um Estado que não participa de uma coalizão e não recebe tropas estrangeiras em seu territorio deve ser garantido contra a ameaça de uma agressão declarada ou latente.

Os dois braseiros da ultima guerra ameaçam transformar-se novamente em fogueira na Europa e na Asia.

MENSAGEM DOS GOVERNOS DAS CINCO GRANDES POTÊNCIAS

A NECESSIDADE de renunciar ao recurso à força como meio de solucionar os conflitos internacionais, torna-se cada dia mais imperiosa.

Já 600 milhões de homens e mulheres de todos os países do mundo — em um compromisso pessoal expresso por sua assinatura — pediram às Cinco Grandes Potências negociar e concluir um Pacto de Paz.

Representantes de correntes de opinião de grande importância também manifestaram o desejo de que seja abandonado o recurso à força em proveito da negociação.

O Congresso dos Povos pela Paz, reunido em

Entretanto, e possível e se deve chegar pelas negociações à solução pacífica dos problemas alemão-japoneses. Pensamos ser necessário concluir o mais breve um tratado de paz com uma Alemanha unificada e democrática, excluída a sua participação em uma aliança militar dirigida contra qualquer país, na Alemanha onde não haverá lugar para o nazismo e o militarismo, que fizeram a desgraça da Europa. Propomos seja concluído um tratado de paz com o Japão, pondo termo à sua ocupação e permitindo ao povo japonês reingressar na comunidade das nações pacíficas. Pensamos ser necessário retornar as negociações do tratado de Estado sobre a Austria, o qual libertará este país da ocupação estrangeira.

Ouvimos os relatórios sobre o emprego da arma bacteriológica, feitos por eminentes especialistas de diversos países que estiveram na Coreia e na China. Profundamente emocionados por esses relatórios, exigimos de maneira categorica a interdição imediata da guerra biológica e a adesão de todos os Estados ao Protocolo de Genebra de 1925. As grandes realizações da ciencia não devem ser um meio de destruir a vida de seres humanos sem defesa. Exigimos ao mesmo tempo a interdição absoluta das armas atômicas, químicas e outras armas de extermínio das populações civis.

Estigmatizamos os homens pouco clarividentes que pretendem que a corrida armamentista é capaz de reforçar a segurança dos Estados. Estamos certos de que a corrida aos armamentos reforça, ao contrário, a ameaça para todos os Estados, grandes e pequenos.

Interpretes da vontade dos povos, insistimos na abertura imediata de negociações a respeito do desarmamento que deve ser justo e não unilateral. Estamos convictos de que um controle internacional eficiente permitirá pôr em prática o desarmamento geral, simultâneo, progressivo e proporcional.

Apoiamos as palavras dos representantes de todos os povos que insistem no sentido de que as trocas de valores materiais e culturais sejam mais rapidamente reiniciadas entre os Estados. Os obstáculos ao comercio internacional, ao intercambio das realizações da ciencia, da literatura e da arte prejudicam o bem-estar e o progresso da humanidade.

Pensamos que a Carta da ONU oferece garantias de segurança a todos os Estados do mundo, mas essa Carta está sendo desrespeitada em seu espirito e em seu texto. Insistimos em que a Republica Popular da China ocupe o lugar que lhe cabe na ONU. Insistimos igualmente na admissão dos 14 países que não podem no momento, fazer ouvir a sua voz.

Insistimos, enfim, em que a ONU volte a ser o centro de entendimento entre os governos e não frustrado por mais tempo as esperanças que todos os povos do mundo tinham nela posto.

Os povos, sejam quais forem os seus regimes e seu ideal supremo, querem viver em paz. A guerra lançada por todos os povos, a guerra lança sua sombra sobre todos os berços. Está dentro da capacidade dos povos mudar o curso dos acontecimentos, dar aos povos confiança na tranquilidade do amanhã.

Concitemos os povos do mundo inteiro a lutar pelo espirito de entendimento e negociações, pelo direito dos homens à paz!

na a 12 de dezembro de 1952, fazendo-se interpretar a vontade da humanidade, convida solenemente os governos dos Estados Unidos da America, da Republica das Republicas Socialistas Soviéticas, da Republica Popular da China, da Grã-Bretanha e da França a iniciar essa negociação, da qual depende a paz.

O acordo entre as Cinco Grandes Potências e a conclusão de um Pacto de Paz, porão fim à tensão internacional e preservarão de maiores desgraças o mundo.

Os povos o exigem.

OS DO MUNDO NGRESSO DE VIENA

TOMAR a iniciativa de realizar o Congresso dos Povos pela Paz, o Conselho Mundial da Paz destruiu seu desejo de unir os nobres esforços dos seus movimentos, organizações e correntes que, sendo embora divergências sobre varias questões, aspiram pelo entendimento entre os povos e em lutar em comum para impedir a guerra e construir a paz.

Uma discussão livre revelou a vontade unânime por fim à política de força que trouxe aos povos des infelicidades e que ameaça arrastar a humanidade à catástrofe.

Consideramos que não existem entre os Estados divergências que não possam resolver-se por meio de negociações.

Basta de destruir cidades e países, basta de acurrar armas assassinas, basta de pregar o ódio e apelar para as guerras! E' agora a ocasião oportuna para discutir, é a ocasião própria para o entendimento.

Dirigimo-nos aos governos das cinco grandes potências, os Estados Unidos, a União Soviética, a Grã-Bretanha, a Republica Popular da China e a França, das quais depende em larga medida a paz no mundo; concitamo-los a iniciar imediatamente negociações com o objetivo de concluir um Pacto de Paz, cuja responsabilidade recai sobre os governos das cinco grandes potências. Os povos tudo farão para que prevaleça o espirito do entendimento.

Exigimos a cessação imediata de todas as hostilidades na Coreia. Enquanto as cidades se desmoronam, enquanto o sangue corre, não há possibilidade de entendimento. Desde que as hostilidades tenham cessado, as partes beligerantes chegarão mais facilmente a um acordo sobre as questões em litigio.

Estamos convictos de que nossa exigência é justa e humana e que o apoio de todos os homens de boa vontade.

Insistimos igualmente na cessação imediata das hostilidades no Viet-Nam, em Laos, no Camboja, na Malasia, e no respeito ao direito absoluto dos povos interessados na independência.

Exigimos que cesse a violencia empregada para impedir as legítimas aspirações nacionais à independência, como na Tunisia e em Marrocos.

O Congresso dos Povos pela Paz proclama o direito de todos os povos a dispor de si mesmos, e a escolherem o seu modo de vida, sem nenhuma ingerência em seus negócios internos sejam quais forem os motivos invocados para justificá-la. A independência nacional de todos os Estados constitui a suprema garantia da paz.

Protestamos contra toda discriminação racial que prejudica a consciencia humana, agrave os perigos da guerra.

Estamos certos de que os pactos militares, através dos quais o mais forte arrasta o mais fraco, e a presença em territorio nacional de bases e militares estrangeiros, constituem ameaça grave à segurança de um país, que pode se ver levado à guerra contra sua vontade. Consideramos que um Estado que participa de uma coalizão e não recebe tropas estrangeiras em seu territorio deve ser garantido contra a ameaça de uma agressão declarada ou latente.

Os dois braseiros da ultima guerra ameaçam transformar-se novamente em fogueira na Europa e na Ásia.

MENSAGEM DOS GOVERNOS DAS CINCO GRANDES POTÊNCIAS

NECESSIDADE de renunciar ao recurso à força como meio de solucionar os conflitos internacionais, torna-se cada dia mais imperiosa.

Já 600 milhões de homens e mulheres de todos os povos do mundo — em um compromisso pessoal expresso por sua assinatura — pediram às Cinco Grandes Potências negociar e concluir um Pacto de Paz. Representantes de correntes de opinião de grande importância também manifestaram o desejo de que seja abandonado o recurso à força em proveito da negociação.

O Congresso dos Povos pela Paz, reunido em

Entretanto, e possível e se deve chegar pelas negociações à solução pacífica dos problemas alemão-japonês. Pensamos ser necessário concluir o mais breve um tratado de paz com uma Alemanha unificada e democratica, excluída a sua participação em uma aliança militar dirigida contra qualquer país, na Alemanha onde não haverá lugar para o nazismo e o militarismo, que fizeram a desgraça da Europa. Propomos seja concluído um tratado de paz com o Japão, pondo termo à sua ocupação e permitindo ao povo japonês reingressar na comunidade das nações pacíficas. Pensamos ser necessário retornar as negociações do tratado de Estado sobre a Austria, o qual libertará este país da ocupação estrangeira.

Ouvimos os relatórios sobre o emprego da arma bacteriológica, feitos por eminentes especialistas de diversos países que estiveram na Coreia e na China. Profundamente emocionados por esses relatórios, exigimos de maneira categorica a interdição imediata da guerra biológica e a adesão de todos os Estados ao Protocolo de Genebra de 1925. As grandes realizações da ciencia não devem ser um meio de destruir a vida de seres humanos sem defesa. Exigimos ao mesmo tempo a interdição absoluta das armas atômicas, químicas e outras armas de extermínio das populações civis.

Estigmatizamos os homens pouco clarividentes que pretendem que a corrida armamentista é capaz de reforçar a segurança dos Estados. Estamos certos de que a corrida aos armamentos reforça, ao contrário, a ameaça para todos os Estados, grandes e pequenos.

Interpretes da vontade dos povos, insistimos na urgência imediata de negociações a respeito do desarmamento que deve ser justo e não unilateral. Estamos convictos de que um controle internacional eficaz permitirá pôr em prática o desarmamento geral, simultâneo, progressivo e proporcional.

Apoiamos as palavras dos representantes de todos os povos que insistem no sentido de que as trocas de valores materiais e culturais sejam mais rapidamente reiniciadas entre os Estados. Os obstáculos ao comércio internacional, ao intercambio das realizações da ciencia, da literatura e da arte prejudicam o bem-estar e o progresso da humanidade.

Pensamos que a Carta da ONU oferece garantias de segurança a todos os Estados do mundo, mas essa Carta está sendo desrespeitada em seu espirito e em seu texto. Insistimos em que a Republica Popular da China ocupe o lugar que lhe cabe na ONU. Insistimos igualmente na admissão dos 14 países que não podem, no momento, fazer ouvir a sua voz.

Insistimos, enfim, em que a ONU volte a ser o centro de entendimento entre os governos e não frustrar por mais tempo as esperanças que todos os povos do mundo tinham nela posto.

Os povos, sejam quais forem os seus regimes e seu ideal supremo, querem viver em paz. A guerra lançada por todos os povos, a guerra lança sua sombra sobre todos os berços. Está dentro da capacidade dos povos mudar o curso dos acontecimentos, dar aos seus governos confiança na tranquilidade do amanhã.

Concitemos os povos do mundo inteiro a lutar pelo espirito de entendimento e negociações, pelo direito dos homens à paz!

Na noite de 12 de dezembro de 1952, fazendo-se interperda a vontade da humanidade, convida solenemente os governos dos Estados Unidos da America, da União das Republicas Socialistas Soviéticas, da Republica Popular da China, da Grã-Bretanha e da França a iniciar essa negociação, da qual depende a paz.

O acordo entre as Cinco Grandes Potências e a conclusão de um Pacto de Paz, porão fim à tensão internacional e preservarão de maiores desgraças o mundo.

Os povos o exigem.



Ilya Ehrenburg, um dos maiores escritores do mundo, foi das figuras mais destacadas do Congresso dos Povos pela Paz. Ele falou na tribuna, dizendo que é possível e necessária a coexistência dos regimes no interesse da manutenção da paz.



O famoso escritor francês Jean-Paul Sartre aderiu entusiasmamente ao Congresso dos Povos. Dirigiu um brilhante discurso aos delegados, ganhando aplausos unânimes. Não foi possível à imprensa da guerra ignorar a presença de Sartre.



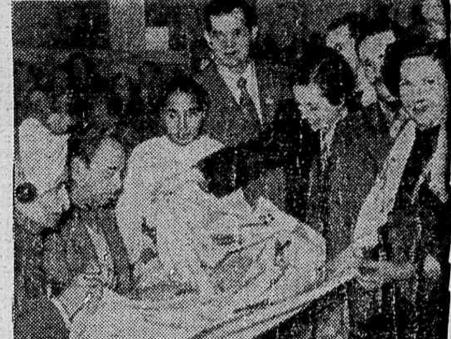
A «Marcha da Paz», na qual tomaram parte muitos milhares de vienezenses, constituiu uma prova irrefutável da simpatia com que os habitantes da capital austríaca acompanharam os trabalhos do Congresso dos Povos pela Paz. Aspecto do desfile.



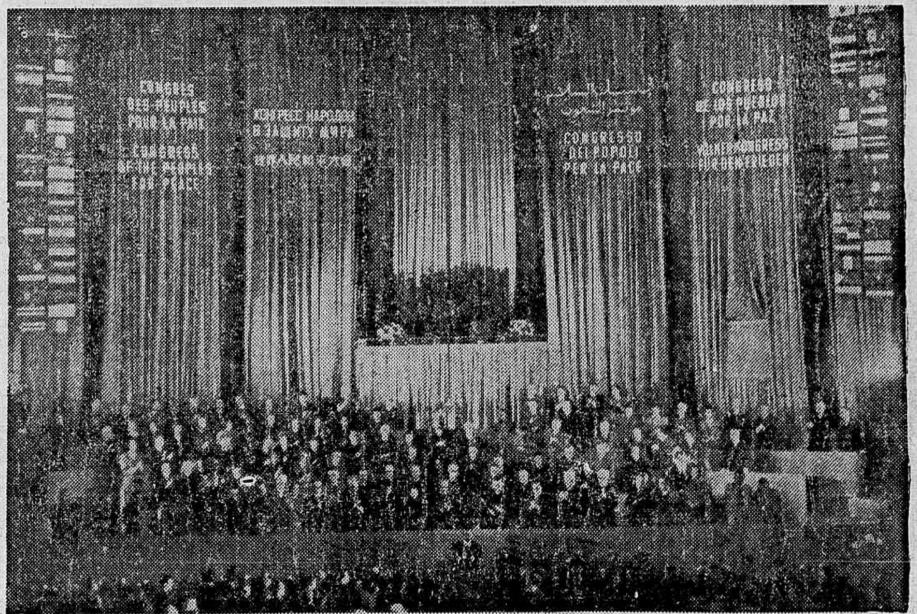
Longas filas de espectadores aplaudiram nas ruas de Viena as que desfilavam em homenagem ao Congresso dos Povos. Toda a imprensa guerreira da Austria ignorou o Congresso. O povo, porém, como se vê, tinha já sua opinião formada a respeito.



Elisa Branco, heroína brasileira na luta pela paz, foi alvo de carinhosas homenagens durante o Congresso. Vemo-la aí, sobrando presentes oferecidos por delegados vindos de muitas partes do mundo.



Cenas como esta se viam amiúde no decorrer do Congresso. Delegados de diferentes países obsequiavam-se mutuamente, trocando objetos típicos. No clichê, delegados brasileiros e indus trocando presentes.



Esta é uma visão da sessão inaugural. Vê-se a mesa, com 150 membros da presidência.

A CARNE QUE FALTA AO POVO É ESTOCADA PARA A GUERRA

A fabulosa produção de gado de Rio Grande do Sul é bastante para abastecer todo o país; no entanto, a carne é má e os preços sobem. Por que? Essa é a história do domínio dos frigoríficos sobre a produção da carne no Brasil

★ Reportagem de Plínio CABRAL

Há motivo para faltar carne? Existe razão para ser esse produto vendido a preço tão elevado? Como veremos nesta reportagem, ambas essas perguntas têm uma resposta negativa. Que se passa, então?

Contam-se pelos milhões as cabeças de gado existentes no Rio Grande do Sul. Segundo dados oficiais divulgados em 1951, há nos campos gaúchos 8 milhões, 544 mil e 900 cabeças de gado; sabe-se, porém, que o número real é ainda maior. No que se refere aos negócios do campo e da pecuária, atingiram no mesmo ano a soma fabulosa de quase quatro bilhões de cruzeiros, também segundo as estatísticas oficiais. Essa cifra, con-

tudo, revela apenas uma parte da realidade. A carne vendida através do município de Livramento, que sai misteriosamente fronteiras do Uruguai a dentro, rumo ao porto de Montevideu, essa não é escriturada... Em quantos milhões será a nação lesada aí?

O terror em Livramento não é fruto do acaso. Ali é absoluto o domínio dos grandes fazendeiros e do frigorífico que assassinaram, em 1950, Aladim Rosales, líder dos operários do Armour, Abdias Rocha, líder camponês e conhecedor do problema da exportação de gado e os valentes lutadores da causa da libertação nacional Aristides Correia Leite e Ari Kulman.

O PREÇO DA CARNE E A EXPLORAÇÃO

O preço da carne do mercado interno está em relação com os preços vigentes

no exterior. De 1940 a 1951 o preço do boi vivo subiu de Cr\$ 1,80 para Cr\$ 5,40. São os frigoríficos — os trustes internacionais da carne — que ditam o preço

desse produto. Essa situação só será modificada com a nacionalização dos frigoríficos. Com essa alta, os preços de 4 e 6 cruzeiros cobrados nos açougues ficaram abaixo da cotação internacional. Foi assim que os grandes fazendeiros colocaram na ordem do dia o problema do aumento da carne no Brasil. Caso contrário — ameaçavam — entregariam todo o gado aos frigoríficos, para exportação. Diante da indignação popular que essa ameaça despertou, Getúlio fez sua promessa: carne a quatro cruzeiros em todo o país.

UM ALTO NEGOCIO

Em junho de 1950, os americanos desencadeiam a agressão contra a Coreia. O fornecimento de carne aos exercitos agressores e o armazenamento para fazer face a uma extensão da agressão, proporcionaram aos frigoríficos e a seus fornecedores — os grandes fazendeiros — altos lucros. O governo de grandes fazendeiros, entre os quais Getúlio, proprietário das estâncias Itu, S. Pedro e Cabana Azul, autorizava a matança de novas cotas de gado. O fazendeiro Vieira Machado, primo de Getúlio, ainda recentemente vendeu ao Armour 400 toneladas, gado impróprio para o abate. Como se vê, para os trustes internacionais da carne e seus sócios brasileiros a guerra representa alto negócio. É plena confirmação das sábias palavras de Stá-

lin, ao denunciar os vinte países latino-americanos, cujos latifundiários e comerciantes anelam por uma nova guerra em qualquer parte da Europa e da Ásia para vender aos países beligerantes artigos a preços fabulosos e acumular milhões nesta empresa sangrenta.

RENOVAÇÃO DOS ESTOQUES DE CARNE

Até aqui, não foi possível aos americanos propagar o incêndio que atearam na Coreia, nem desencadear uma nova guerra na Europa ou na Ásia. É que os povos estão pela paz e a defendem.

Como os depósitos dos frigoríficos não têm capacidade ilimitada, há necessidade de renovar os estoques de carne. Só o «Armour» possui em suas câmaras frias 6 mil toneladas. O gado abatido há anos. Então, essa carne velha, a um ponto da deterioração, é vendida ao nosso povo, a fim de que carne nova vá substituí-la nos depósitos. Ainda assim é um alto negócio para os frigoríficos, sobretudo quando o governo — através da COFAP — obriga os açougueiros a adquirir uma grande cota dessa carne congelada. Pelos preços de 1953 é vendida a carne comprada em 1945

FAZENDEIROS E FRIGORÍFICOS SE COMPLETAM

A guerra na Coreia dilatou a disparidade entre os preços dos mercados interno e externo. Os fazendeiros engrossaram a voz reclamando aumento. A «solução», encontrada pelo governo foi cobrir com o dinheiro do Tesouro Nacional — através do Instituto de Carnes — essa diferença. Breve, porém, tal providência estaria superada e só mesmo o assalto direto ao consumidor poderia matar a fome de lucros dos grandes fazendeiros.

O general Ernesto Dornelles tem outros títulos importantes. É governador do Rio Grande do Sul, grande fazendeiro e, além disso, primo-irmão de Getúlio. Foi ele quem assinou o telegrama à COFAP reclamando imediato aumento da carne. Defendia ele, além dos próprios interesses, os de Getúlio, cujo gado, com a celebre marca 60, é vendido não ao povo, por 4 cruzeiros o quilo, mas aos frigoríficos americanos; os dos Vieira de Maceio, os de Jango Goulart, presidente do Partido «Trabalhista»... E que outros interesses ainda? Os dos frigoríficos, que também vendem no país e que, por sua vez, pagam um pouco mais pelo gado dos fazendeiros.



Eis aí a carne congelada. Está nas câmaras frias desde 1945 e a um passo da deterioração. É vendida ao povo para dar lugar a que carne nova seja armazenada

Essa troca de favores e concessões vai a ponto de os frigoríficos praticamente não pagarem impostos, tendo em vista o vulto dos negócios que realizam. Todo o comércio e toda a indústria de Livramento pagam anualmente de impostos 6 milhões e 650 mil cruzeiros. Mas o Armour, essa potência econômica e industrial, paga apenas 2 milhões e 300 mil cruzeiros...

A essa política de descarada cumplicidade com os trustes da carne, contra os interesses do nosso povo, os frigoríficos retribuem dando «preferência» às compras aos grandes fazendeiros, que são os primeiros na venda, tornam-se virtuais intermediários. Com esse trunfo na mão, exploram o pequeno criador e com frequência levam-no à ruína.

O xixoteco almirante Pena Botto classificou de desastrosa a portaria da COFAP autorizando «exagerado aumento no preço da carne», devido às vigorosas lutas populares que ela provocou. Pena Botto deseja insinuar que Cabello, autorizando o aumento, fez o «jogo comunista». É uma tremenda calúnia aos patriotas que se batem em defesa dos interesses do povo. Cabello, ao assinar a portaria, cedeu às imposições dos seus parceiros, grandes criadores de gado gaúchos, o primeiro dos quais é Getúlio. Assinou como qualquer Pena Botto o faria. Já no que diz respeito às lutas populares contra esse aumento — lutas que fazem os alcaides e generais fascistas terem noites intranquilas — disse sim, os comunistas se orgulham. Têm a consciência do dever cumprido porque souberam se colocar à frente do povo, sentiram com o povo, em numerosas cidades, o sabor da vitória sobre os seus inimigos: os frigoríficos, os grandes fazendeiros, esse governo servil dos trustes.

DESEMPREGO EM MASSA

Nas fronteiras do sul, onde engorda o gado, habitam multidões de famílias. As xarqueadas estão fechando, pois todo o gado é canalizado para os frigoríficos. Na xarqueada Bela Vista, foram despedidos 300 operários; de outros tantos da xarqueada S. Paulo, apenas 150 recebem trabalho. Em toda parte é a mesma coisa.

Durante o período da ma-

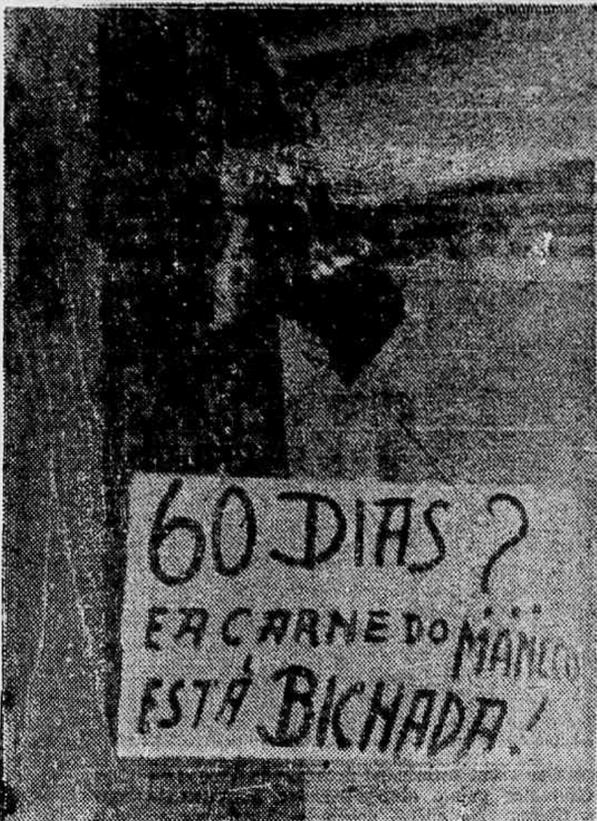
tança, quando o gado já engordam suficientemente, frigoríficos como o Armour e o Swift chegam a empregar 5 mil homens cada um. Vêm do campo com suas famílias, quase sempre numerosas. Depois cessa a matança. É a trágica «safra seca». Para esses que vieram do campo há uma única perspectiva: o corredor, a estrada limpa. No bolso, nenhum tostão. Ganhando 3 cruzeiros por hora e com família, dá para guardar? Em Livramento, Rosário, Pelotas e Rio Grande, terminada a safra, os frigoríficos despedem os trabalhadores. A carne está nas câmaras frias, aguardando embarque. Vai para fora do país. Os que a preparam ficam aqui passando fome.

DUAS POSIÇÕES

Essa é a história da promessa de Getúlio. Mas, promessa é dívida. Ele poderá, ainda, cumprir o que prometeu?

Está na Câmara dos Deputados o «Acórdo Militar». Esse «acórdo» é a guerra. É a guerra, como se viu, é uma chuva de ouro para os frigoríficos e os fazendeiros, é tudo (inclusive a carne) mais caro para o povo. Quem mandou assinar esse «acórdo»? Quem o apoiou e quem movimentou a máquina parlamentar para sua aprovação? Era primeiro lugar o grande fazendeiro Getúlio Vargas, também os latifundiários Dornelles, Macedo e poucos mais. É a essa gente que servem — como cães raivosos — os deputados Brochado da Rocha, Ferrari, Godol e poucos mais que afrontam o nosso povo com o seu acoçamento pela aprovação do «acórdo». A derrota do «acórdo» está na ordem do dia. É todo o nosso povo que se empenha para alcançar essa vitória.

O aumento concedido no preço da carne, apesar de ter se elevado a cem por cento, ainda não corresponde aos preços pagos pelos frigoríficos. Não é difícil ver: novos aumentos serão exigidos pelos fazendeiros. E não tenham dúvida o almirante Pena Botto e demais inimigos do Brasil: na luta sagrada contra a fome, pelo direito de viver, o povo conta com o firme apoio dos comunistas. Dessa luta — e não da promessa de Getúlio — é que sairá a carne a quatro cruzeiros.



Manoel Vargas, filho de Getúlio, prometeu resolver o problema da carência em 60 dias. Sua solução, porém, foi entregar aos açougues carne podre, bichada, em depósito desde 1945. No clichê vê-se como o povo protestou, dependurando nos postes pedaços de carne com cartazes



Gado no Rio Grande do Sul é o que não falta. Entretanto, aí está uma fila de carne! Por que não há carne para o povo? Porque os fazendeiros preferem vender aos frigoríficos e os frigoríficos vendem para a guerra. É a política de exportação do fazendeiro Getúlio Vargas, dono do gado que tem a celebre marca

Em Defesa do Porvir da Jovem Geração

QUATROCENTOS jovens reunidos no Clube dos Cabiras encerraram a I Conferência Nacional em Defesa dos Direitos da Juventude entoando com entusiasmo o hino da Federação Mundial da Juventude Democrática. Logo após dezenas de «bigs» e «hurras» foram eruidos saudando o conagraçamento da juventude do Brasil. Um pernambucano iniciou repentinamente os passos do frevo e a seguir todos dançavam e pulavam vibrantes de entusiasmo. Uma jovem gritou zombeteira para o repórter

— Quem não dança pega na criança... e se foi envolvida pela imensa roda que se formara no ritmo do frevo. Dentro em pouco não havia na sala um rapaz livre do cansaço. Abraçados pelo calor da música e do verão carioca; ainda assim todos dançam.

Era o fecho de ouro para os trabalhos da Conferência reunida pela primeira vez no país para tratar efetivamente dos problemas da juventude. Partindo do fato de que a juventude constitui cerca de 53% da população nacional e que contribui decisivamente para a atividade econômica da nação, com oito milhões de jovens exercendo seu trabalho na agricultura, meio milhão na indústria e mais de quatro milhões em atividades domésticas, numa contribuição para a economia nacional duas vezes superior a da juventude nos Estados Unidos e dos países da Europa, os jovens sentiram a necessidade de um melhor tratamento e um real respeito aos seus direitos, como decorrência lógica dessa inestimável contribuição.

DISCUTE-SE COM DECISÃO

O tema da I Conferência mereceu uma ampla discussão por parte de todos os delegados estaduais e somente foi aprovado após incluir todos os problemas que afetam aos jovens. Por outro lado surgiram durante o desenrolar dos debates indicações preciosas para o fortalecimento da organização juvenil, baseadas nas mais diversas experiências das delegações dos estados. Um delegado do Triângulo Mineiro, por exemplo, defendendo uma tese relativa às organizações camponesas de jovens achou necessário a inclusão no tema de um problema sentido por seus companheiros de trabalho no campo, qual seja o da melhoria das condições de parceria e facilidade do arrendamento da terra ao jovem camponês e a aplicação da legislação trabalhista aos trabalhadores jovens da terra.

— Trabalhamos de sol a sol — afirmou — e não temos férias. Nem mesmo profissão oficial por falta de trabalho. Como poderemos acrescentar — saber de nossos direitos e lutar por eles se nem ao menos podemos conhecê-los?

A discussão do assunto suscitou a seguir o debate de outros problemas camponeses com a inclusão no tema das principais questões que dizem respeito à organização juvenil-camponesa.

QUANDO AS DIFICULDADES SÃO VENCIDAS

O Desembargador Saboia Lima, presidente de honra da Conferência Nacional.

falando durante a instalação dos trabalhos, no Cassino Atlântico, exaltou a força de vontade de muitos moços que não desanimavam em face das tremendas dificuldades a enfrentar no trabalho da organização da juventude patricia. A confirmação de suas palavras veio com o desenrolar dos trabalhos. Foi o caso, precisamente, da delegação mineira. Não obstante o terror policial os jovens daquele Estado vieram ao Distrito Federal trazendo uma equipe completa de futebol, alguns representantes sindicais e uma representação camponesa do Triângulo Mineiro. Um jovem do Triângulo, após relatar a odisséia que constituiu a vinda da delegação ao Distrito Federal, exortou os jovens do Brasil para que não se deixassem embaraçar pelas dificuldades e lembrou o exemplo de seus colegas do interior do Estado que não esmoreceram no trabalho de organizar a Conferência Estadual segundo as possibilidades da juventude mineira. Posteriormente ficaram sabendo que o jovem orador havia viajado 799 quilômetros com mais 23 rapazes de Uberlândia, num caminhão coberto com palha de arroz e que regressara com seus companheiros no mesmo transporte escoltados por dois «tiras» da polícia de Minas, sob a ameaça, inclusive, de fuzis-metralhadoras. Seu entusiasmo pelo desenrolar dos trabalhos não havia sequer diminuído. Pelo contrário. Na tribuna da Conferência se revelou entusiasta e em todos os momentos era encontrado ajudando fraternalmente a um ou outro companheiro da delegação.

HONRANDO A MEMÓRIA DO JOVEM TECELÃO

A delegação carioca à Conferência dos jovens se apresentou como a mais numerosa. Os jovens tecelões compareceram em massa e discutiram em todas as fases dos trabalhos. A comissão recreativa do Sindicato dos Textéis do Rio, em greve por aumento de salários, que deveria enviar uma delegação de quatro ou cinco elementos compareceu à Conferência com todos os seus associados e foi necessário então o aluguel de um ônibus para transportar tantos jovens. Sem dúvida foi emocionante a entrada dos tecelões no recinto dos trabalhos, saudados pela assistência de pé. De todas as partes surgiram «bigs» à unidade dos trabalhadores em sua luta por melhor vida e melhores salários. Quando um tecelão afirmou que a presença dos jovens textéis na I Conferência Nacional em Defesa dos Direitos da Juventude era a consequência do juramento de todos os trabalhadores em tecidos perante o cadáver do Altair Paula Rosa a assistência prorrompeu em aplausos tendo de iniciativa própria, logo após, observado um minuto de silêncio em respeito à memória do tecelão assassinado pelas balas da polícia de Vargas.

Juntamente com os trabalhadores textéis estiveram presentes aos trabalhos e nêles tomaram parte ativa, representantes de seis fábricas de calçados do Distrito Federal, vanguardados pelo Departamento Juvenil do Sindicato dos Sapateiros. Os metalúrgicos credenciaram por outro lado três companheiros de trabalho para representá-los na Conferência

enquanto o setor estudantil do Rio de Janeiro aderiu em massa encabeçado pela Associação Metropolitana de Estudantes Secundários e por diversos diretores das escolas superiores.

DE PÉ PELOS DIREITOS DA JUVENTUDE

A repercussão de I Conferência Nacional nos estados foi a cem das expectativas mais otimistas. Tal fato está expresso pelo número de clubes, fábricas, colégios e universidades que apolaram os trabalhos preparatórios da Conferência. No Estado do Rio, por exemplo, foram realizadas mais de duas dezenas de assembleias de fábricas, que culminaram com a assembleia-monstro realizada em Niterói com a presença de mais de 500 trabalhadores, principalmente das empresas Covibra, São Domingos e da fábrica de tecidos da cidade de Campos.

No Paraná, Rio Grande do Sul, Ceará, Goiás, etc., outras dezenas de realizações assinalaram os trabalhos preparatórios da I Conferência e contribuíram para o sucesso da representação nacional.

Uma numerosa delegação de jovens bandeirantes assegurou a presença de São Paulo na Conferência Nacional. Cerca de 30 jovens daquele Estado participaram dos trabalhos e trouxeram indicações precisas acerca das duras condições em que vivem os estudantes, operários e camponeses, menores de 21 anos. Relatando o desenrolar dos trabalhos da Convenção Paulista pelos Direitos da Juventude um delegado ressaltou a participação de mais de 96 clubes de futebol independentes no campeonato estadual e posteriormente na Convenção em Defesa do Esporte Menor. Por outro lado a participação da juventude operária foi um dos pontos de realce do êxito da Conferência Paulista, destacadamente dos jovens da grande empresa Nitro Química e de outras dezenas de fábricas paulistas.

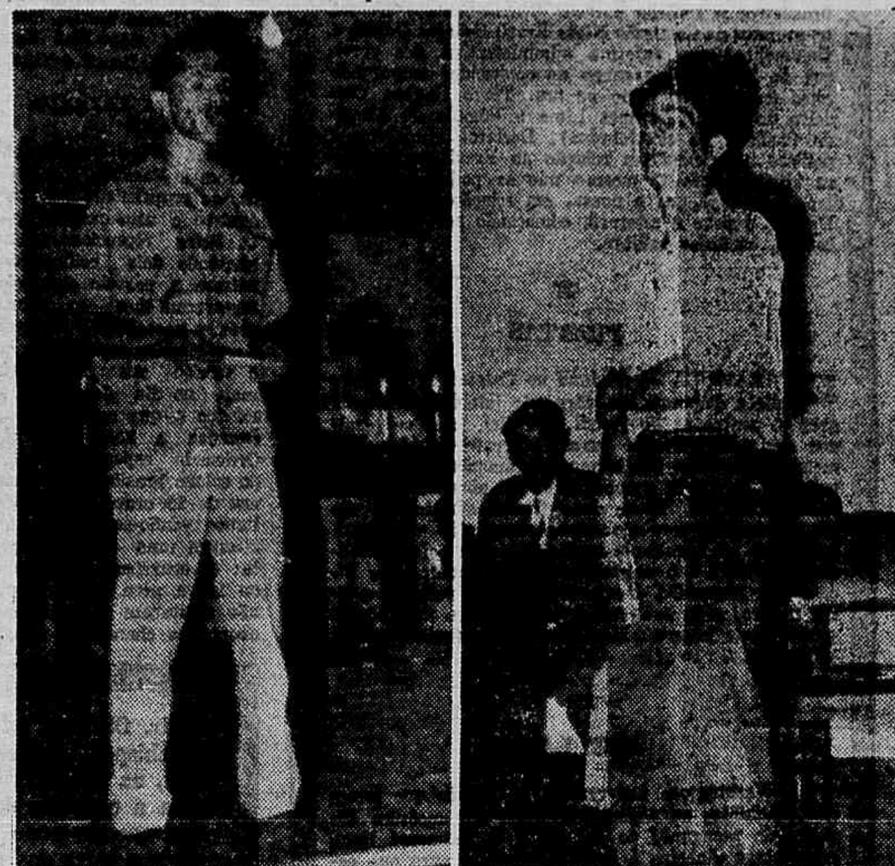
PELA PAZ! CONTRA O ACORDO INFAME

Paralelamente com as discussões dos problemas específicos da juventude as delegações trataram e discutiram animadamente o «acordo» militar que o governo lanque quer impingir ao Brasil. Nesse sentido foram aprovadas diversas proposições de repúdio ao pacto infame. A luta pela manutenção a paz foi objeto de longas discussões, que evidenciaram a disposição dos jovens em não se deixar levar pelas aventuras guerreiras.

A realização vitoriosa da I Conferência Nacional de Juventude expressiu o desejo dos jovens brasileiros em atender ao apelo da mocidade da Refinaria de Western, de Amsterdan, Holanda, que se dirigiram aos jovens do mundo convidando-os para uma ampla reunião em Defesa dos Direitos da Juventude. A adesão de sábios como o professor Josué de Castro, sacerdotes, como o padre Medeiros Neto, de Parlamentares como o Deputado Breno da Silveira, de esportistas, como Admir e o quadro de futebol do Vasco da Gama, revelam que efetivamente a I Conferência em Defesa dos Direitos da Juventude atingiu os mais variados setores da juventude do país e foi realmente um passo dos jovens para sua organização e unidade.



Centenas de jovens estiveram presentes em todas as fases dos trabalhos da Conferência em Defesa dos Direitos da Juventude e aplaudiram demoradamente os delegados juvenis presentes na reunião.



Esses dois jovens expõem os problemas da juventude e apontam soluções concretas para a satisfação de suas reivindicações. A direita um jovem participante da greve dos textéis do Distrito Federal, à esquerda um rapaz da delegação do Triângulo Mineiro à I Conf. Nacional



A mesa diretora da I Conferência Nacional em Defesa dos Direitos da Juventude, que aprece no clichê acima, conduziu com segurança os trabalhos dos jovens do país por sua organização e unidade.

7 DIAS NO BRASIL

TERA' A RESPOSTA

FALANDO num regabofe à americana — que reuniu a fina flor da política e da imprensa esadiaz — o sr. Lucas Nogueira Carneiro juntou sua voz à dos pregoeiros da guerra, lendo um macudo relatório sobre a defesa nacional. O cartapão lido pelo governador de São Paulo, vazado no estilo geopolítico do gen. Cordeiro de Farias, justifica a preparação para a guerra e preconiza medidas de repressão interna contra os partidários da Paz. Logo depois, falando em Recife, já aí com o seu próprio e escasso vocabulário, a cria do aventureiro Ademar aplaudiu abertamente o «acôrdo militar» de guerra e escravização aos Estados Unidos.

Mais um inimigo da paz, a quem, por certo, o povo paulista dará em tempo a merecida resposta.

ALTERAÇÕES VÃO

CHEGADINHO dos EE. UU., ainda inebriado com o bafo dos srs. Eisenhower e Foster Dulles, o sr. João Neves (da «Ultragás») deitou entrevista e relatório sobre a política exterior do governo Vargas. Anunciou grandes realizações... em favor dos trustes lanques: a lei do câmbio livre, que permitiria aos imperialistas levar o dinheiro sugado ao povo brasileiro; e «acôrdo militar» Brasil-Estados Unidos, os projetos da Comissão Mista Brasil-Estados Unidos e, finalmente, uma reforma administrativa dos serviços do Itamarati, a cargo de conhecidos empregadinhos dos trustes, como os srs. Tingo Dantas, Cordeiro de Farias, Hermes Lima e Rômulo de Almeida (redator da «Petrobrás»). Declarou ainda que a política americana em relação ao Brasil permanecerá «inalterada». O mesmo não se poderá dizer do lado de cá, já que a nossa, em relação aos Estados Unidos, o povo a alterará, começando por derrotar o infame «acôrdo militar».

PIRATAS

ESCARAMUÇA de intrigas no Catete! Ministros e áulicos disputam em torno de interesses de seus grupos, contra os do Brasil. No fim, tudo se resolveu da melhor forma para os trustes: Lifer, homem de confiança dos banqueiros lanques, fez valer o poder de corrupção e suborno da «Sanbra» e da «Anderson Clayton». Essas duas firmas americanas vão ganhar milhões com a venda e compra do algodão. À custa dos cotoneiros nacionais e dos cofres públicos. Gorjetas e honorárias serão distribuídas aos laçaios. A camarilha dominante, perdido mais elemento decôro, pilha o Brasil o quanto pode, julgando-se eternamente impune. Mas o povo ainda lhe tomará as contas.

ATE' LA . . .

DE Washington nos vem a notícia de que foram concluídas as negociações para um «acôrdo» em torno do manganês do Amaná. O Eximort Bank emprestará dinheiro à Bethlehem Steel para que esta extraia manganês no Amapá e o venda a ela mesmo. O manganês extraído, de ótima qualidade, destina-se à indústria de guerra lanque, que sofre escassez desse material estratégico. Em tudo isso a Bethlehem terá lucros fabulosos, a máquina de guerra lanque será reforçada e o Brasil ficará com o prato vazio, sem o seu minério e mais dominado pelos trustes. Isto seria, porque até lá... muita água correrá sob as pontes.

TERA DE SER OUVIDA A VOZ DO POVO!

NOVA onda de histeria anti-comunista, em que não faltam nem os «enanos cohen» mais esrachadamente imbecis. Getúlio se desmanda e chega ao escândalo nunca visto: sanciona a «lei de segurança», manda publicá-la no «Diário Oficial» e depois «vetar» um de seus artigos. Vale tudo! Para tentar tapar a boca do povo e fazer passar o «acôrdo» de traição. Inutilmente, porém, porque cresce como nunca a frente dos patriotas contra o «Acôrdo» infame. Só nesta última semana a campanha ganhou centenas de novas adesões de generais e almirantes, oficiais superiores e parlamentares, o governo do município de Valparaíso e a câmara de Guaratinguetá, intelectuais e líderes sindicais. Manifestações de rua no Rio, em Paulo e em outras cidades recebem o aplauso do povo. Comícios e conferências esclarecem e mobilizam a opinião pública. Sem dúvida, a próxima sessão da Câmara para discutir o «acôrdo» terá de ouvir a poderosa voz do povo.

IMIGRANTES ITALIANOS REVOLTAM-SE CONTRA O LATIFUNDIO

O governo de Getúlio está promovendo a imigração italiana em grande escala. Assim, alegam os homens do governo, e que se resolve o problema da agricultura brasileira. Para Getúlio o problema é «falta de braços» e não o latifúndio, a falta de terra para quem a trabalha. Vejamos, porém, em que dá na prática a solução da imigração: os colonos italianos se revoltam e desejam retornar à pátria.

EM BUSCA DA «TERRA DA PROMISSÃO»

Milhares desses imigrantes foram enviados para as fazendas, após haverem passado boa temporada em lugares onde puderam dispor de regular conforto — encenação para fazer jus à propaganda desenvolvida pelo governo ao aliciá-los. Tudo isso além das promessas de trabalho bem pago, infundia esperança àqueles homens, mulheres e jovens que, sorridentes, aguardavam a «terra da promessa». E, os italianos começaram a povoar as terras do interior paulista: fazendas Paraiso, Santa Maria, Cocais Mandaguai, São José Santa Tereza, São Bento e Guataparã...

GREVE NA FAZENDA GUATAPARÁ

Cerca de 90 pessoas chegaram à Fazenda Guataparã, de propriedade dos banqueiros e usineiros Morganti. Estes receberam-nos abatendo dois bois gordos, saíram a passeio com eles, mostraram-lhes as plantações e pastagens. Falavam de ordenados especiais, e que o serviço era mecanizado, mas, no dia de pagar no serviço o que se viu foram enxadas e 35,00 por dia. Ordenado especial porque o do colono brasileiro é de apenas de 25 cruzeiros. Os italianos vendo-se enganados, fizeram uma contra-proposta: 50 cruzeiros com comida ou 100 a seca. Os Morganti não aceitaram e, para ameaçá-los chamaram a polícia.

Os imigrantes começaram a rir e a zombar dos fazendeiros. Os soldados chegaram armados de fuzis, acompanhados do celegado de Ribeirão Preto. Então, os italianos tomaram de tambores de querosene vazios, latas e pandeiros e iniciaram uma batucada de protesto exigindo a volta para São Paulo. Veio a vizinhança. A batucada continuou e os componentes do bloco, unidos, riam da polícia, dos fuzis, do «ladinho»...

Com a chegada do consul italiano, voltaram para São Paulo, deixando aos colonos brasileiros daquela e de outras fazendas um belo exemplo de luta.

VENCERAM MAS NÃO QUISERAM FICAR

Na Fazenda Cocais, da Santa Cruz Coffee, existem 596 mil pés de café e 1.583 alqueires de terra. Os 50 imigrantes logo que ali chegaram foram à sede reclamar contra o salário de 18 cruzeiros, exigindo 35, além de pedirem casas limpas, jornada de 8 horas etc., segundo as promessas do Serviço de Imigração. Embora aparecesse ali um membro do con-

suldo italiano para «acalmar os grevistas» a fazenda teve de ceder ante a firmeza deles. Mas, mesmo vitóriosos, os italianos preferiram retornar à pátria.

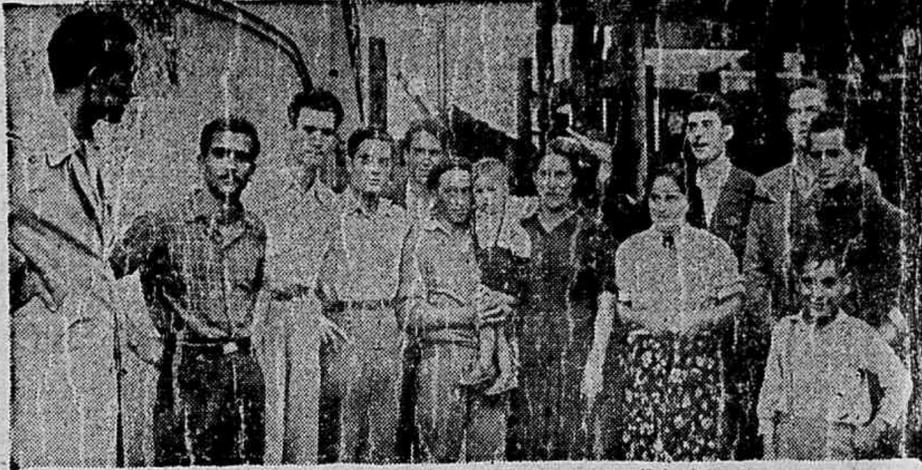
Durante a luta, os italianos convidaram os colonos brasileiros para se unirem a eles e, agora, após a saída dos europeus, luta-se por aumento da diária, por 8 horas de trabalho, por aumento do trato de mil pés de café por dia a férias e ao descanso remunerado, pois esta fazenda paga menos no trato, quando dá férias e paga em dinheiro e feriados. No contrato terminado agora, a fazenda Cocais pagando 2.000 cruzeiros por mil pés de café de terra e 2.200 pelo café em terra de pedras, embora concedendo férias e repouso remunerado, paga muito menos que as fazendas da vizinhança que pagam 2.500 e 3 mil cruzeiros respectivamente.

NORDESTINOS EM LUGAR DOS ITALIANOS

Em várias fazendas tem havido greves de imigrantes. Muitos deles já voltaram para a Itália e outros estão tomando a mesma de-

cisão. Os italianos têm trazido exemplos de como se luta na Itália contra os latifundiários e o governo de De Gasperi. Este, como o de Getúlio, é lacai dos imperialistas americanos. Os italianos deram impulso às lutas que se desenvolvem no campo, principalmente nas fazendas e, por isso os camponeses brasileiros que lutam pela terra, vêem com simpatia e apolam ativamente a luta dos imigrantes italianos. Diante do fracasso em sua política, os fazendeiros estão desesperados e juntos com os homens do governo pensam «tomar medidas». Querem substituir os italianos pelos nordestinos que fogem da seca e, para buscá-los enviam tiras da DOPS a Recife e Maceló para fornecer passagens e indicações das fazendas.

Os imigrantes italianos regressam à sua pátria fugindo ao terror do latifúndio, mas, os nordestinos aqui ficaram, em sua própria casa, para lutar decididamente por suas reivindicações, para combater a exploração e a miséria imposta pelos grandes fazendeiros.



Imigrantes italianos em São Paulo, na hospedaria, aguardando a hora de embarque de retorno à Itália, falam ao repórter: «Não se pode suportar a miséria e a exploração das fazendas de café do Brasil. Nem casa decente para morar tínhamos. Por isso voltamos».

O dr. Ciril Garbett, arcebispo católico de York, na Inglaterra, integra a corrente do alto clero que pretende ver o mundo a salvo das ideologias materialistas, ou, mais precisamente, do comunismo. Nesse sentido S. Eminência mantém permanente correspondência não apenas com o cardeal Spellmann, dos Estados Unidos, mas também com proeminentes figuras da santa cruzada contra o comunismo na América, quem sabe até o almirante Pena Boto.

Dessa troca de luzes espirituais na defesa da civilização haveria de brotar na alma do piedoso sacerdote ideias fecundas e generosas para resolver os problemas do nosso tempo.

Na Grã-Bretanha — queixa-se textualmente o Arcebispo — «baixa de maneira assustadora o padrão nacional de honestidade». E atribui a «vaga perigosa da falta de vergonha» «ao cinema, às histórias em quadrinhos, à guerra», etc.

Então o dr. Ciril Garbett tira do bolso o remédio salvador. Não é o combate à guerra, a proibição das histórias em quadrinhos, a transformação do cinema em arte de educação do povo. O ilustre cruzado cristão do anti-comunismo pleiteia ardentemente «o retorno aos castigos corporais e à prisão preventiva», isto é, chibata e cadeia. Somente assim haverá de ser recuperado o padrão de honestidade da nação britânica. O problema é urgente, tanto que S. Eminência pede «imediate construção de novas cadeias, pois as existentes já estão superpovoadas, e reforço dos efetivos da polícia».

Tiro ao Alvo

EGYDIO SQUEFF

São essas as idéias gerais do Arcebispo de York, pastor de almas, para curar alguns dos males da civilização ocidental: — polícia e chafalho. No final, S. Eminência invocou a graça de Deus...

X—X—X

NO dia 10, sábado, segundo informações divulgadas na imprensa carioca, «quatro mulheres em Porto Alegre agitaram a avenida Borges de Medeiros, provocando grave conflito, quando distribuíam panfletos contra o Acôrdo Militar Brasil-Estados Unidos».

Um guarda civil, na ocasião em que passava pelo local, «foi barbaramente espancado». Os despachos não esclarecem por que, apenas pelo fato de passar pelo local, o guarda foi selvagemmente esbofado. Depois apareceu um inspetor da Ordem Política e Social, Herbert Blanc, que «foi agredido impiedosamente, ficando com as vestes rasgadas e bastante contundido».

Para evitar, com certeza, que as quatro mulheres se dirigissem diretamente à sede da polícia para massacrar os seus soldados e investigadores, compareceu ao local um contingente da Polícia Especial.

Eis aí mais um elemento para o «dossier» do sr. Negrão de Lima: a polícia já não pode exercer livremente a sua função...

O «Correio da Manhã» acha que o Ministro da Justiça sabe muito bem o que aconteceu em 1935. Mas sabe muito mais, o sr. Negrão de Lima, e mais do que ninguém, o que aconteceu em 1937...

Operários com Casa De Campo e Automóvel

A VIDA DUM TRABALHADOR SOVIÉTICO NAS HORAS DE FOLGA



Um concerto para apreciadores da musica no Palácio da Cultura dos metalúrgicos de Serov. No clichê vê-se atuando Eleonora Lezhnina, filha de um metalúrgico stakanovista.



Por todo o imenso território da União Soviética se estende uma enorme rede de sanatórios para os quais afluem centenas de milhares de trabalhadores anualmente. No clichê, o Sanatório Thaelman dos sindicatos, em Zheleznovodsk.



Jardim (de Infância do kolchoz «Michurin» (colônia de Dergáevo), na região de Moscou. No clichê, a educadora G. Galaktiónova sai com os pequenos para dar o passeio matinal.

COMO as pessoas simples da União Soviética despendem o seu tempo, após a jornada de trabalho? Nas condições do socialismo e da passagem gradual para o comunismo, o trabalho se torna uma necessidade vital dos homens sãos. Eis por que os soviéticos podem graças ao fruto mesmo do trabalho, exigir cada vez mais da vida aquilo que ela tem de melhor.

Vejamos como gastam suas horas de folga, os metalúrgicos Alexei Krioukov, Boris Dedoukh e Piotr Kotchetkov — amigos e companheiros — que trabalham na montagem dos automóveis «ZIM» e «POBIEDA», na usina Molotov, depois que são a sirene dando por finda a jornada.

DA USINA PARA A CASA DE CAMPO

Alexei, com frequência, quando deixa o trabalho, se dirige à sua casa de campo. Como inúmeros outros trabalhadores, ele possui um automóvel «Pobieda» que o conduz em 15 minutos ao seu sítio, situado num bosque de pinheiros, à margem do Oka. Ali não lhe faltam ocupações: reparar a escadaria da casa, renovar uma parte do cercado, guardar o depósito de gelo. Krioukov gosta do trabalho de marcenaria, de construção. Adora a caça, a pesca e se compraz em emalhar seus troféus. Mas, sua paixão é a agricultura. No seu sítio, adquirido da mesma maneira que os da maioria dos trabalhadores soviéticos — com empréstimos feitos pela usina — ele projetou um pomar e, presentemente, prepara-se para plantar variedades michurinianas de macieira. Krioukov permanece uma ou duas horas à vontade e, depois, regressa à cidade.

OS «FREGUESES» DA BIBLIOTECA

Os interesses de seu país coincidem com os seus próprios; também ele acompanha os acontecimentos da vida internacional. Os Krioukov são assinantes de numerosas revistas; com eles se encontram sempre as últimas novidades de livreria. A biblioteca pessoal de Alexei é motivo de muito cuidado dele porque os amigos do seu filho mais novo Valérik se tornaram frequentadores dela. E, se as crianças adoram emprestar os livros a seus colegas, elas sempre deixam de sobreaviso os pais.

— Que levem os livros para ler, muito bem, diz sorrindo Alexei. Um livro é feito para isso mesmo. Mas, quando os livros desaparecem sem esperança de retorno, ou quando os trabalhos de horticultura, as obras de Michurin «viajam» por longo tempo, eu convoco uma reunião geral dos amigos de Valérik e lhes faço uma pequena preleção.

As «advertências» de Alexei são impregnadas de um tal entusiasmo pela horticultura que, mal ele acaba de falar, os livros deixam, ainda em maior quantidade as prateleiras de sua biblioteca e começam o seu giro através dos lares dos jovens michurinistas.

Há a assinalar ainda, um traço característico dos Krioukov: sua paixão pelo jogo de xadrez. O pai de Alexei, antigo operário com



Automóveis de operários, em frente à usina. A sirene apita; é hora da saída. O ajustador Alexei toma seu carro em companhia dos dois amigos.

(Texto baseado numa reportagem de Piotr Kotchetkov)

72 anos de idade, Valérik e o próprio Krioukov são amadores de xadrez. Até a garota filha de Alexei, Lenótsika, com um ano de idade, gosta muito de «jogar xadrez». É certo que, quando as peças passam por suas mãos, faz-se necessário procurá-las por todo o momento.

BORIS É UM JOVEM FELIZ

Boris Dedoukh, não tem mais que 19 anos e prefere os esportes que exigem movimentação: no inverno, a patinação, e no verão, a natação. Boris é um jovem ajustador que, há dois anos apenas, terminou o curso da escola profissional da Usina em que trabalha. É um moço aplicado, ávido de saber. Com o seu trabalho precioso e inteligente ele ultrapassa seu plano e ganha de 1.100 a 1.200 rublos por mês. (5.500 a 6.000 cruzeiros).

A juventude é um encanto; seu desejo de viver é inextinguível. Boris é muito vivo, sempre apressado. A razão disso pode ser o fato de que o «programa» de suas noites comporta sempre um encontro com Vera Peshkova. Duas vezes por semana, após o trabalho, Boris e Vera, estudam na escola noturna. Mas, nos outros dias, suas distrações são infinitamente variadas. Pode-se vê-los frequentemente na biblioteca, na casa de técnica da usina, no baile, no teatro ou cinema.

O CASAL TORCE PARA O MESMO TIME

Tomemos ao acaso, uma noite de Piotr Kotchetkov. A saída da fábrica ele gosta de fazer um giro pela cidade. As ruas são particularmente animadas: uns caminham apressados, outros entram nos magazines, além de muitos que procuram um encontro com os amigos e comunicam as novas; as praças regurgitam de crianças; os vendedores de jornais procuram atender seus fregueses.

Muita gente também há no grande magazine onde ele entrou à procura de uma corda de violão. Ele é um apaixonado da música. Diz ele: «Em nossa usina ama-se a música. Muitos de nossos companheiros tocam diversos instrumentos. Assim, eu tenho um violão, uma guitarra e um bandolim. Para mim, a música é o melhor repouso. Não falto a uma «avant-première» de nossa Opera. Sou um assíduo frequentador dos concertos sinfônicos. As vezes, entre minha mulher e eu há discussões. Nina gosta do teatro dramático, eu prefiro a música. Forçado, aceito um compromisso: acompanhá-la a um concerto vocal ou ao circo. Mas, no verão, essas divergências familiares são mais raras: os dois somos aficionados de futebol e, nossas frequentes visitas ao estádio não geram nenhuma discussão».

TODOS ESTUDAM PARA PRODUZIR MAIS E MELHOR

«Meu filho brevemente fará 4 anos, seu nome é também Valérik, como o garoto de



Kotchetkov é um dos 1500 trabalhadores da usina que à noite cursam a escola profissional da indústria de autos. Ele em ação no laboratório.

Krioukov. Este nome é muito popular em nossa cidade, homenagem ao nosso compatriota, o celebre aviador Vassili Tchekalov. Minha mulher não trabalha; neste momento educa nosso filho. Mas, daqui em diante, ela será contramestra em nossa usina.

Recentemente, Nina me declarou que desejava retomar seu trabalho. Examinamos a coisa e decidimos que Valérik já é um rapaz bem crescido, podendo ir ao jardim da infância durante as horas que minha esposa trabalhará na oficina. Nossa usina possui 29 desses jardins. As crianças lá são confiadas a pedagogas experientes; têm 4 refeições por dia e, o que é excelente, nesse lugar, Valérik se encontrará numa coletividade; ora, a coletividade forma a criança, sua consciência; corrige seus defeitos. Ontem, quando retornei do trabalho, minha companheira propôs que fôssemos à «Casa da Técnica» onde teria lugar uma conferência sob o tema: «Nijni-Novogorod, seus costumes e seu povo na época de Maximo Gorki».

— Mas, amanhã, tu tens exame... querias rever a matéria esta noite? — Lembra Nina.

Com efeito, tenho exame de física; frequento o curso noturno da escola profissional da indústria de automóvel de nossa usina. Decidimos que eu iria primeiramente trabalhar uma hora no laboratório do centro técnico antes de nos encontrarmos na conferência.

Trabalhadores de todas as oficinas frequentam nosso centro técnico: 70% no mínimo de nosso pessoal estudam. Uns frequentam a escola noturna, outros a seção do Instituto Politécnico criado em nossa usina; outros ainda seguem cursos de aperfeiçoamento.

APÓS A CONFERENCIA, UMA PARTIDA DE BILHAR

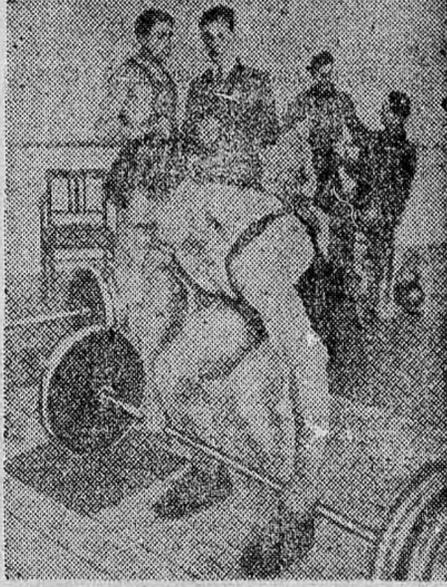
«Reencontrei Nina à porta da sala, no momento em que se apagavam as luzes do salão. A conferência nos agradou. Os gorquiianos se interessam vivamente a cada novo detalhe da biografia de Maximo Gorki, seu «país» seu escritor favorito. Ouvindo falar de Nijni-Novogorod (é assim que nossa cidade se chamava outrora), familiarizando-nos com o passado, nos daremos melhor conta dos progressos que tivemos após a instauração da poder soviético».

Após a conferência houve um grande concerto do qual participaram cantores, dançarinos e artistas dramáticos.

O concerto terminou. Amigos me interpelam: «Vens à sala de bilhar?» Olhei com o rbo dos olhos à minha mulher. Ela sorriu e disse:

— Mas... não mais que duas partidas! Eu desejava reconduzir Nina a casa, porém ela decidiu esperar-me no salão. Diversas de suas amigas estavam ali agora. Elas aconselharam-me a jogar minha partida sem preocupação de tempo porque tinham de debater uma questão importante. Entendi: o verão não transcorrerá sem vestidos novos.

... Era meia noite quando retomamos o caminho da casa. A cidade estava adormecida aguardando o toque das sirenes da manhã».



Antes de ir ao cinema com Vera, Boris dispõe de cerca de meia hora que ele aproveita fazendo exercícios na sala de esportes da sua fábrica.

200 MIL ASSINATURAS

CONTRA O ACÓRDO MILITAR

ISTO É APENAS O COMEÇO — QUEM NÃO TOMAR EM CONTA ESSES ABAIXO-ASSINADOS E TELEGRAMAS, CARTAS E MEMORIAS, PODERÁ DIZER QUE É REPRESENTANTE DO POVO?

É um fato importante e de mais alta significação na vida do povo brasileiro: num movimento de grande envergadura, que se alastra e amplia cada vez mais, a nação toma posição aberta e decidida em relação a um problema diretamente ligado à questão central do momento: paz ou guerra?

Cresce dia a dia, avança com firmeza e audácia crescentes a luta do povo contra o acordo militar.

Até o presente momento mais de 200 mil pessoas de todos os pontos do território nacional, de todas as profissões e condições sociais, já se dirigiram aos deputados para reclamar em nome dos interesses da pátria que eles votem contra o acordo militar.

É isto que é apenas o começo. A campanha de assinaturas é uma das formas do povo se fazer presente nos debates parlamentares, um dos meios de lembrar aos deputados que a verdadeira maioria está aqui fora, nas ruas, nas fábricas, nas escolas, nas fazendas e nos lares. E ela está apenas na sua primeira fase.

Que revela esse índice tão positivo de cartas, abaixo-assinados, memorias, telegramas? Por que o nosso povo se movimenta assim com tanta rapidez e se esforça com tanto em fazer ouvir sua voz? Como progride e desenvolve essa campanha?

A reportagem colheu al-

guns fatos e episódios ocorridos em diversos pontos do país, que dão resposta a estas perguntas.

EMUDECEU O INTEGRALISTA DE BELO HORIZONTE

O alerta à consciência nacional feito por brasileiros patriotas e esclarecidos encontrou um eco entusiástico no seio da população. Aqui está um exemplo:

O folheto do deputado Lobo Carneiro e o trabalho do deputado Hello Cabal, analisando e denunciando o Acordo Militar, causaram enorme repercussão em Belo Horizonte. O advogado José Adjuto Filho promoveu um debate na Faculdade de Direito. Os estudantes mostravam-se indignados com as condições escravagistas do indecoroso acordo de colonização e guerra.

Um integralista, vendo as coisas mal paradas, recorreu a um dos expedientes mais usados pelos fascistas americanos: a mentira. E bradou aos quatro ventos que o folheto do deputado Lobo Carneiro era cheio de citações falsas, que no acordo militar não havia daquilo que o folheto denunciava, que se tratava de coisas inventadas para justificar a oposição ao acordo.

Qual foi a resposta dos patriotas?

O «Diário do Congresso» contendo o texto do acordo foi afixado nos locais mais

visíveis da Faculdade de Direito. O integralista emudeceu, o vende-pátria foi derrotado. Os estudantes mineiros lutam contra o acordo. Suas cartas e telegramas são manifestações de homens concientes do perigo que corre a vida da juventude e a independência nacional.

FALAM TRES MULHERES DO POVO

Há poucos dias, o cel. Benvides realizou uma conferência diante dum plenário composto de mulheres paulistas. Nessas palestras contra o acordo, os ouvintes interpelam o orador, dão a sua opinião, fazem sugestões. O reporter anotou três intervenções de mulheres do povo que falaram assim:

O acordo não pode ser bom — «Esse acordo militar foi e vem sendo apoiado pelo governo. Que governo é esse? É um governo que não tem dado nada para o povo. Pelo contrário, tem é tirado. Portanto, esse acordo não pode ser bom para nós. Tenho três filhos. Tudo farei para impedir que eles sejam mandados para a guerra fora do Brasil. Não só assino contra o acordo. Estou pronta para ir ao Rio, para dizer isso tudo na cara do governo».

(Eis aí uma sugestão duma pessoa simples: uma grande caravana nacional de mães brasileiras para dizer ao Congresso que elas não permitem que o acordo militar seja ratificado).

Não ficarei em casa de braços cruzados — «Lutamos



No Viaduto Maria Paula, em pleno centro da capital bandeirante, o povo escreveu com arrojo inspirado pelo patriotismo: «Repudiamos o acordo militar Brasil-Estados Unidos porque somos brasileiros»

cada dia com mais dificuldades para viver. Sou mulher que trabalho de sol a sol para ajudar meu marido a criar nossos cinco filhos. O que se ganha não dá para comprar jornal todo o dia. Não tenho rádio, bem como muitas mulheres do meu bairro, o Belem. Não vou deixar de comprar um quilo de feijão para meus filhos para pagar prestação de rádio. Por isto, eu não estava informada sobre os planos do governo. Só sei que a vida que ele nos dá é cada dia pior. A explicação que o sr. nos deu do acordo com os EE. UU. foi de muito valor para nós, mulheres do povo e pobres.

Nós sabemos como o governo se interessa pelo povo. Quando nós temos os filhos criados com todos os sacrifícios, quando eles estão em idade de trabalhar, naturalmente é quando nós podemos pensar em descansar um pouco com a ajuda que eles nos dão. Nessa hora é que pensamos em ir para

de perto de nós, para morrer em guerras longe do Brasil.

Não, coronel, eu sei o que custou criar os meus filhos e posso garantir o seguinte: se tentarem enviá-los para uma guerra que não seja em defesa do Brasil, eu não vou ficar chorando em casa a perda deles. Estes braços que tanto trabalharam para criá-los seberão lutar para defendê-los. Afirimo que não ficarei em casa de braços cruzados. Posso garantir que todas as mães pensam como eu».

Há inquietação entre os jovens recrutados — «Se esse acordo fosse bom para o povo, um governo que só nos dá miséria e perseguição não o aceitaría. O meu filho foi chamado para servir. E ele me conta que seus companheiros perguntam uns aos outros: «Que havemos de fazer se nos quiserem enviar para a Coréia?»

Isso mostra que os nossos moços não querem participar de guerras como essa. Certamente não de fazer alguma coisa para não ir. De minha parte, tudo farei para defender meus filhos, pois eles são a minha vida. Estou disposta a todos os sacrifícios para conservá-los junto a mim. Se o Brasil fosse atacado, eu seria a primeira a pedir que se alistassem. Eu mesmo, apesar de velha, daria o meu exemplo. Mas para isso que está no acordo, nunca!»

Diante de tais declarações, é de admirar que São Paulo já se tenha manifestado através de mais de 70.000 assinaturas, só no primeiro arranco?

MANIFESTAÇÃO POR FABRICA

A campanha de assinatura é um instrumento de organização. Grupos de patriotas promovem palestras sobre o acordo em reuniões familiares, festas de aniversário, organizações sociais, recreativas e outras. Daí o movimento se expande. Os

patriotas procuram facilitar a manifestação do protesto popular. Eis um exemplo dado por uma comissão de operários cariocas:

Uma folha com os seguintes dizeres escritos a mão, datilografados ou mimeografados circulam nas fábricas: «Os abaixo-assinados, operários da fábrica vem solicitar de V. Excia. a não aprovação do Acordo Militar Brasil-Estados Unidos por ser um instrumento de dominação econômica e política de nossa pátria, alienando a soberania nacional, permitindo o envio de jovens para guerras no estrangeiro, particularmente para a guerra da Coréia, e contribuindo para o encarecimento geral do custo da vida». Uma vez assinado pelos operários da fábrica, o documento é entregue aos deputados, em geral por uma comissão. Quem não tomar em conta tais assinaturas poderá dizer que é representante do povo?

A LIGHT DEFENDE O ACORDO

Um episódio do grande comício contra o acordo no Vale do Anhangabá em São Paulo: a Light, essa mesma do racionamento que está jogando os trabalhadores no desemprego e está asfixiando a indústria nacional, a mais odiada empresa imperialista que opera em nossa terra, tomou posição aberta em defesa do acordo. Negou luz para o comício e para os alto-falantes.

Então as famílias residentes nas redondezas pus-ram suas instalações domiciliares à disposição da luta contra o acordo. O palanque improvisado sobre dois caminhões foi iluminado. Os alto falantes funcionaram perfeitamente. Este fato mostra que o povo que faz abaixo-assinados está lutando. E só descansará quando o acordo for derrotado.



O coronel Benvides é uma das vozes patrióticas que se erguem, alertando a nação contra o acordo da traição. O clichê reproduz um flagrante tomado durante uma conferência na sede do sindicato dos costureiros de Rio Tinto, na Paraíba.

LEIA

“Democracia Popular”

circula todas as terças-feiras